convergência

SET — 1977 — ANO X — Nº 105

- **AOS SUPERIORES MAIORES DO BRASIL**, página 392
  Cardeal Eduardo F. Pirônio
- **CAMINHANDO PARA O SÍNODO**, página 397
  Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte
- **ENTRE DOIS SÍNODOS: EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE**, página 407
  Pe. Carlos Palacio, SJ

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar (ZC-06) — 20.000 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1977:

Brasil, taxa unica (via terrestre ou aérea) ...	Cr$ 150,00
Exterior: maritima	US$ 17,00
aérea	US$ 25,00
Número avulso	Cr$ 15,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20.000 Rio de Janeiro — RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luis, 100 — 25.600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:

"O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO". Dez anos vivendo isto. Dez anos de CONVERGÊNCIA. Coragem de caminhar e fazer caminhar. A partir da experiência e da vida. À luz da fé que alicerça nossa vida de Religiosos e lhe dá sentido. Procura e renovação que não cessam. Caminhar na Igreja e com a Igreja, de hoje e de sempre.

Registro na Divisão de Censura de Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL **385**

INFORME DA CRB **387**

AOS SUPERIORES MAIORES DO BRASIL, Cardeal Eduardo F. Pirônio **392**

CAMINHANDO PARA O SÍNODO, Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte **397**

ENTRE DOIS SÍNODOS: EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE, Pe. Carlos Palacio, SJ **407**

ESPAÇO DO REDATOR, Pe. Marcos de Lima, SDB ... **426**

AS FUNÇÕES DA CATEQUESE NO NOVO TESTAMENTO E HOJE, Pe. Johan Konings **432**

CATEQUESE E LIBERTAÇÃO, Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM **438**

LIVROS NOVOS para Você ler **444**

maturidade que se mede pela plenitude em Cristo (cf. Ef 4,13) — Sedoc 9/1109".

A partir da "Evangelii Nuntiandi", a Igreja tem clara consciência da necessidade de adaptar a catequese aos tempos modernos. O próximo Sínodo não vai apenas recomendar a catequese como forma de evangelizar, mas irá indicar as formas e métodos mais adequados para a catequização eficiente. A todos quantos estão explicitamente envolvidos nesta missão terão presente esta exigência dos nossos tempos.

Em toda parte, e ao longo da história, a missão de catequetizar coube em grande escala aos religiosos. O próximo Sínodo não será um forte apelo para que os religiosos se abram mais à função catequética? Pois os mesmos, "por sua vez, têm na sua vida consagrada um meio privilegiado de evangelização eficaz. Pelo mais profundo do seu ser, eles situam-se de fato no dinamismo da Igreja, sequiosa do Absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças" (E. N. n.º 69).

Neste número de CONVERGÊNCIA, o leitor terá uma visão retrospectiva do que foi a XI Assembléia Geral Ordinária Eletiva da Conferência dos Religiosos do Brasil. **Cardeal Eduardo Pirônio** brinda aos Superiores Maiores do Brasil com uma mensagem de esperança na sua árdua missão de animar a Vida Religiosa.

Paralelamente a estes informativos, CONVERGÊNCIA aborda palpitantes assuntos sobre a Catequese. **Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte,** Bispo de Itapipoca, Membro da Comissão Episcopal de Pastoral, responsável pela linha 3 da Catequese e Membro do Sínodo, focaliza estruturalmente o próximo Sínodo de Roma: A escolha do Tema, sua formulação, o processo de preparação do Sínodo, a situação da catequese no mundo. **Pe. Carlos Palacio, SJ,** Membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB/Nacional, apresenta verdadeira documentação sobre o agir e fazer catequético, delineando aspectos históricos e suas implicâncias na educação para a fé. A Catequese e o uso do Evangelho é abordado de modo suscinto e claro no artigo do **Pe. Johan Konings,** Professor do Instituto Teológico da PUC de Porto Alegre/RS.

Por sua vez, **Frei Almir Guimarães, OFM,** complementa o tema central deste número com seu trabalho incitando para uma catequese libertadora.

Prezado leitor, obrigado pela atenção! Aguarde novos aspectos sobre o tema da Catequese nas próximas edições de CONVERGÊNCIA.

Pe. Celso Sehn, MSF

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

XI ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB

23 a 30 de julho de 1977

1. Preparação

A XI Assembléia Geral Ordinária Eletiva da CRB começou a ser preparada com 18 meses de antecedência. Esta preparação, no decorrer deste tempo, recebeu incontáveis horas de dedicado serviço pelas pessoas mais diretamente empenhadas na sua organização: Diretoria e Executivo Nacional, Presidentes e Executivos Regionais, Equipe de Reflexão Teológica da CRB/Nacional. Contou com a assessoria de especialistas convocados a propósito. Não menor foi o interesse de numerosos grupos de religiosos de todas as partes do Brasil que a ela votaram extremada atenção, através do estudo e da reflexão.

Data e Tema

A Diretoria Nacional escolheu a data de 23 a 30 de julho de 1977 para a realização da XI Assembléia Geral. O local escolhido foi o Colégio São Bento, na cidade do Rio de Janeiro, por razões óbvias, sobretudo pela localização, amplo espaço, ambiente de calma e proximidade da sede nacional.

Escolha do tema

Como acontece de praxe, além dos assuntos informativos, de avaliação das atividades do triênio findo, de administração e finanças, todas as assembléias gerais da CRB Nacional são fortemente marcadas por um tema central de reflexão. Para a XI AGO foi proposto: A REALIDADE NACIONAL E ECLESIAL DO BRASIL HOJE E A PRESENÇA DOS RELIGIOSOS NELA, subdividido em três títulos: 1º **A Realidade Brasileira.** 2º **A Realidade da Igreja Neste País/Nação.** 3º **Os Religiosos na Realidade Nacional e Eclesial do Brasil.** Os expositores foram respectivamente: Prof. José Arthur Rios, Dom Celso Queiroz, Bispo Auxiliar de São Paulo, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, S.J., Presidente Nacional da CRB. A escolha destes temas resultou do Encontro Anual da Diretoria e Executivo Nacional da CRB com os Presidentes e Executivos Regionais. Foi aprofundado em sucessivas reuniões da Equipe de Reflexão Teológica. Estes temas e dinâmica para seu desenvolvimento foram submetidos à aprovação dos Superiores Maiores de todo

Brasil, através da Circular nº 022/77, de 12.04.76, assinada pelo Presidente Nacional da CRB, solicitando-se resposta até 30.06.76. A fim de sensibilizar os Religiosos do Brasil em torno do tema a CRB elaborou em tempo alguns elementos de preparação veiculados em CONVERGÊNCIA e foram publicados em 1976 nos seguintes números: 93, 94, 96, 97. Após inúmeras reuniões da qual participaram os expositores, membros da Diretoria Nacional e do Executivo, Equipe de Reflexão Teológica, os temas chegaram a redação definitiva, sendo impressos, para distribuição durante a Assembléia.

Paralelamente a apresentação do Tema Central, a Diretoria Nacional apresentou o Relatório Trienal das atividades religiosas, elaborado pelo Executivo Nacional e a Gerência Administrativa, o Relatório Econômico-Financeiro.

2. Realização da assembléia

A XI AGO da CRB colocou diante da consciência dos religiosos a serviço da Igreja dois traços determinantes da atual caminhada do Povo de Deus no Brasil; o espírito comunitário e a solidariedade com o povo.

Participantes. Estiveram presentes 438 vogais. É o maior índice registrado até hoje. De direito, são vogais todos os Superiores Maiores, mais 11 membros da Diretoria Nacional, 15 Presidentes das Regionais e mais dois delegados de cada Regional, dentre os religiosos ou religiosas que ainda não sejam vogais de direito. Dos 699 Superiores Maiores, registrados no Anuário Católico, descontam-se a quase totalidade das Superioras e Superiores de Mosteiros contemplativos que não participam; e os Superiores das Congregações que, por um motivo ou outro não participam. Diante deste contexto, os 438 vogais foram um número bastante expressivo.

Participaram 38 convidados do Brasil e do exterior, destacando-se particularmente o Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, CARDEAL EDUARDO F. PIRONIO, Cardeal DOM ALOÍSIO LORSCHEIDER, Presidente da CNBB e do CELAM, Arcebispo DOM CARMINE ROCCO, Núncio Apostólico; Dom IVO LORSCHEITER, Secretário Geral da CNBB; Dom CLÁUDIO HUMMES, Bispo de Santo André — SP, membro da CEP (Comissão Episcopal de Pastoral) da CNBB, Dom JOSÉ GOTARDI, Presidente do Departamento de Religiosos do CELAM e Bispo Auxiliar de Montevidéu; representantes da CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DOS RELIGIOSOS (CLAR): Pe. Carlos Palmés, Presidente; Frei Luís Patiño, Secretário Geral; Irmã Amélia de Los Rios, Secretária-Adjunta, Irmã Maria Agudelo; Pe. Cecílio de Lora, Coordenador de Seminários da CLAR; os Presidentes das Conferências de Religiosos da Argentina, México, Montevidéu; o representante da ADVENIAT: Dr. PAUL HOFFACKER; representantes da MISEREOR: Dr. ULRICH HOCH e Sr. GODOFREDO DEELEN; o representante de CEIAL, Pe. Pietro Canova; os representantes de vários organismos da Igreja no Brasil: CNBB, IBRADES, CENFI, AEC, CEFEPAL; os representantes dos cardeais do Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente: Dom Karl Josef Romer, e Dom Luciano Mendes de Almeida.

Os Temas. Face ao atual contexto nacional despertaram intenso interesse. Percebeu-se a limitação do tempo para a exposição das palestras e para o estudo em grupos, e conseqüentemente, o fato se refletiu nas conclusões, que resultaram gerais e diluídas. Supostamente a Assembléia não é um acontecimento estanque, mas parte de um processo dinâmico, os temas refletidos, serão retomados na quase totalidade das Assembléias Regionais, e também nas Províncias. As edições impressas dos temas esgotaram-se ainda por ocasião da Assembléia.

O ambiente no transcurso da XI/AGO foi nitidamente marcado por um clima de otimismo, de entusiasmo, de fraternidade, de busca sincera diante dos desafios da Vida Religiosa. As celebrações litúrgicas contribuiram para que houvesse um intenso clima de oração. A Eucaristia foi sempre um tempo forte do dia. Além da comunhão com o Senhor, foi profunda a comunhão entre os irmãos, o encontro fraterno e humano. Isso acontecia na sala do plenário, nos grupos integrados, corredores, às refeições e vários locais de hospedagem. Todos repartiam o pão da sua amizade no olhar, no sorriso, nas palavras e nos gestos.

Confiança renovada pela CRB e, pela vida religiosa foi despertada pela apresentação dos relatórios trienais. O relatório religioso comprovou os grandes objetivos da CRB. É inegável o resultado obtido em alguns programas religiosos, tais como Equipe de Reflexão Teológica, Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade para a Vida Religiosa (CETESP); programas de formação inicial e permanente através de Encontros, Cursos, Assembléias e Seminários e também através da área de comunicação.

O relatório administrativo, econômico-financeiro foi uma tônica de esperança. Evidenciou a gestão segura e inteligente que conduziu a CRB numa política administrativa criteriosa, graças à qual foi inteiramente superada a crise econômica de todos conhecida. Foi adquirida a sede própria da Entidade.

Os balanços financeiros, com clareza e objetividade, deixam em evidência a situação equilibrada, e a boa administração realizada. Os relatórios apresentados de forma dinâmica e agradável demonstram a grande caminhada da CRB neste triênio.

Presença do Cardeal Eduardo F. Pironio. Sem desmerecimento, a presença do Cardeal Pirônio marcou positivamente o andamento da XI AGO, pelo seu modo de ser simples, transparente e aconchegante. Sua informalidade cativou sobejamente os Vogais. Sua comunicação vibrante e segura na abordagem dos temas deixou transparecer o homem pleno do Espírito de Deus, de amor à Igreja e de sadia esperança na vida religiosa do Brasil. Durante sua permanência na Assembléia teve uma única preocupação: estar ao dispor dos religiosos, para dialogar, conhecer e servir. Os religiosos estão de parabéns por ter um homem destes nos postos-chave da IGREJA.

Eleição. Por determinação estatutária na Assembléia elegeu-se nova Diretoria Nacional, composta de 11 Diretores. As eleições foram uma demonstração de espírito de serviço, de

unidade, do grau de maturidade a que se chegou e do qual se teve constatação no desenrolar dos atos da XI Assembléia Geral Ordinária.

O quadro de direção eleito para reger a CRB é competente, está cônscio dos seus deveres e responsabilidades. Procurará dar resposta adequada pela continuidade e aprofundamento das prioridades aprovadas. Da Diretoria cessante permaneceram quatro membros. A nova Diretoria ficou assim constituída:

Presidente: Pe. Décio Batista Teixeira, SDB.

Demais Diretores e Conselheiros: Ir. Yolanda Setúbal, CSA; Ir. Claudino Falqueto, FMS; Pe. Cristóbal Álvares Garcia, SJ; Ir. Hermengarda Alves Martins, RSCJ; Ir. Dario Bortolini, FMS; Pe. Alfonso de Nijs, MSC; Ir. Irany Vidal Bastos, MJC; Ir. Maria Rita Perillier, FMA; Pe. Manoel Rodrigues Losada, ASM e Pe. Bonifácio Urbanek, ASS.

Nesta oportunidade foi eleito o **Conselho Superior Nacional,** integrado dos seguintes religiosos: Pe. Alfredo Carrara de Melo, SDB; Pe. Dionísio Sciuchetti, SJ.; Frei Ângelo Domingos Salvador, OFM cap.; Ir. Nair Donzelini, MJC; Ir. Maria de Fátima Ramos, CSU; Ir. Marta Maria Braccini, ICM e Pe. Paulo Englert, SJ.

Proposições aprovadas na área religiosa

Primeira. Solicita-se à CRB que incentive os Superiores Maiores a unificarem os esforços das Congregações que atuam na mesma área pastoral, impedindo a pulverização dos recursos, favorecendo a redistribuição e propiciando uma ação apostólica mais fecunda.

Segunda. Tome as medidas necessárias para a concretização do projeto da CNBB referente às regiões missionárias do Brasil, coordenando a participação das Congregações a partir das necessidades da Igreja de modo a dar testemunho de um novo espírito de corresponsabilidade eclesial e apostólica.

Terceira. Desenvolva um trabalho sistemático de informação, conscientização e coordenação para inserir as atividades e as obras dos religiosos na pastoral orgânica da Igreja do Brasil, criando para tanto um programa nacional e/ou regional de colaboração com o projeto 5.6.4 do 4º Plano Bienal referente aos setores especiais da Pastoral, tendo em vista o carisma da Congregação.

Quarta. Proporcione em nível regional cursos tipo CETESP, CERNE e IBRADES e desenvolva outros programas permanentes ou ocasionais que permitam aos religiosos um melhor conhecimento da temática que ocupou essa Assembléia da mesma forma, que as atuais ou novas publicações e organismos da CRB (tais como Boletim ou Grupos de Pesquisa sobre a Realidade) procurem informar de maneira sistemática e formar criticamente os religiosos a respeito da realidade de nosso país, da Igreja e da própria Vida Religiosa.

Quinta. Descubra meios concretos para possibilitar uma maior participação dos religiosos das regionais mais carentes nas várias iniciativas empreen-

didas a nível nacional, tais como cursos, encontros, assembléias.

Sexta. Em união com o Grupo de Trabalho da Saúde da CRB Nacional, se incentivem em nível regional e/ou nacional:

a) A implantação de uma pastoral da saúde que corresponda às necessidades reais de nosso país. **b)** A revisão da presença e a atuação da Igreja no campo da saúde preventiva e da educação sanitária, através do uso adequado e coordenado de nossos recursos (colaboração intercongregacional), abertura à pastoral de conjunto, prolongamento da pastoral de saúde nas escolas, CEBs e paróquias, etc. **c)** O preparo espiritual e pastoral dos religiosos que atuam nessa área.

Sétima. No cumprimento de seus objetivos de animar e promover a qualificação dos religiosos para a sua atuação pastoral, ajude os que se dedicam ao campo da educação a reencontrarem o sentido de sua vocação e de suas obras, como educadores da fé, conscientes das exigências da realidade em que estão historicamente inseridos. Que, se crie, para tanto, em colaboração com as AECs nacional e regionais, grupos de reflexão e de apoio para o estudo e a orientação do nosso trabalho educacional visando a superação de modelo de cristandade:

a) acentuando a educação libertadora;

b) colocando as obras educacionais dentro da pastoral de conjunto;

c) reorientando e motivando a abertura a novos campos e atividades;

d) ajudando a discernir as exigências que o momento histórico faz às Congregações cujo carisma inclue a Pastoral da Educação, de modo a favorecer uma integração entre o ser religioso e o ser educador:

e) discutir as linhas e as prioridades que poderiam orientar a unificação e a redistribuição de nossas forças e recursos;

f) incentivando experiências possivelmente intercongregacionais que possam servir de laboratório;

g) e, sobretudo, embasando todo este esforço em uma sólida visão teológica de nossa vocação de religiosos a serviço da Igreja e dos homens, em especial dos pobres.

Oitava. Em íntima comunhão com a CNBB esclareça e aprofunde todos os aspectos relacionados com a Pastoral Social (objetivo, espiritualidade, intercomplementariedade, informação).

Nona. A CRB Nacional se integre nos estudos e projetos da Pastoral da Terra da CNBB, sobretudo no campo da conscientização dos religiosos em âmbito nacional e promova a coordenação das atividades das Congregações que trabalham nestas áreas.

As conclusões finais. São fruto de discussões realizadas nos grupos. Em clima de discernimento, foram aprofundadas na Assembléia, e submetidas à votação. Devidamente aprovadas, marcam as linhas prioritárias do AGIR — como corpo moral — para o triênio que ora se inicia. Procuram ser resposta às necessidades pastorais sentidas nas áreas em que estão vitalmente inseridas as famílias religiosas do Brasil, apontando-lhes as reais prioridades.

Pe. Celso Sehn, MSF

AOS SUPERIORES MAIORES DO BRASIL

Card. Eduardo F. Pirônio
Prefeito da Sagrada Congregação
Para os Religiosos e Institutos Seculares.
Palestra, sem revisão do Autor,
proferida no dia 26/7/1977,
na XI Assembléia Geral da CRB

Eu quisera, nesta minha palestra começar recordando o texto da oração da manhã — um texto de Isaías que Jesus aplica a si mesmo: "O Espírito do Senhor está sobre mim... (Liturgia da XI AGO eletiva da CRB, págs. 69/70). É a história do dinamismo do amor de Jesus, prolongada na Igreja e nos religiosos. Além disso observemos que ao fechar o livro Jesus diz — "Esta profecia se cumpriu hoje".

Os religiosos devem entender isso: que a profecia da pobreza se cumpre hoje. A partir daqui é bom examinar a missão da Igreja e ação dos religiosos. A hora de Jesus Cristo. Cristo foi fiel à hora, não queimou etapas. Isso, porém, não foi fácil, pois ELE sentiu medo. Contudo, amou a hora, abraçou-a e disse: para essa hora eu vim.

Creio que nos religiosos e nos Superiores Maiores existe, muitas vezes, a tentação de querer viver "outra hora". (Vim para a América Latina, saindo de Roma para o México e atrasei-me oito horas; o relógio aqui se adianta...). O importante é viver a hora, não ficar extático na hora de antes, nem adiantar a hora, mas assumir comunitariamente a hora presente, amá-la, sabendo que é a hora da Páscoa, da Crucifixão.

Se sempre é papel do religioso dar a vida, o Superior Maior, muito mais, tem este papel. Não ter medo desta hora, nem perder tempo recordando as horas antigas; preparar o novo tempo, vivendo com generosidade a hora presente. Esta palavra se cumpriu hoje.

Muitas tensões provêm de que não temos os relógios sincronizados: uns marcam uma hora, outros marcam outra, uns gostam da hora do descanso, outros da atividade, porém as duas são necessárias. Outra conside-

ração sobre a Palavra de Deus que foi lida: Na Sinagoga, os olhos de todos estavam postos n'Ele. Isto aqui é a Sinagoga e os olhos de todos estão postos sobre o Card. Pirônio.

Nesta Assembléia foram ditas muitas coisas, segundo um esquema: Realidade, Igreja, Religiosos. Neste momento, penso em vocês. Vão voltar para as suas regiões, e os olhos de todos se voltarão para vocês. Que trazem de novo? E se esta Assembléia foi só encontro, inovação? Foi perda de tempo? Isso se notará, se levarem idéias estranhas, ou ao contrário, idéias claras, com sentido. Isso é uma reflexão de amigo que sabe que a Vida Religiosa tem sentido na Igreja onde vive Cristo.

A Vida Religiosa deve ter uma tríplice fidelidade: **à Igreja**, na qual vive Cristo, com seus riscos e esperanças; **a Cristo**, por quem fomos tomados; **ao mundo** onde ela se insere como sacramento de salvação. Essa fidelidade é ponto chave para a missão do religioso hoje. E todos, em distintos níveis, estamos comprometidos com essa fidelidade. O esquema é simples: a Vida Religiosa não se entende senão na Igreja e essa, como Cristo, encarnada no mundo reconciliado com o Pai. Quem é o mundo hoje? Quais são os canais de reconciliação? Onde está a ruptura? É necessário descobrir, em cada lugar, os sinais dos tempos, a presença do Senhor e entregar-se a Ele.

Responsabilidade dos Superiores Maiores no serviço de animação e comunhão no interior das Congregações de Vida Consagrada e na marcha do Povo de Deus. Não nos devemos contentar que as coisas corram mais ou menos bem, num sentido geral. Pe. Marcello, por exemplo, não se sente satisfeito só por ter servido à vida consagrada, tantos anos, mas pela comunhão com a CNBB e toda a Igreja do Brasil.

Responsabilidade dos Superiores Maiores não apenas na América Latina, mas na Igreja Universal, na qual vivemos numa hora chave. A mesma Congregação dos Religiosos a tem como um desafio. Não se trata, apenas, de ver como deve ser a Vida Religiosa aqui, com pobreza, sinceridade, valentia, mas oferecer à Igreja Universal o que é local.

Ontem, D. Celso Queiroz nos falava da originalidade, da fisionomia própria da Igreja da América Latina, não por triunfalismo, mas com responsabilidade. O Espírito de Deus é quem suscita: se vocês têm uma palavra para dizer que o digam com fraternidade e audácia de Espírito! Como reviveríamos então a comunhão universal e sem medo!

Há certos aspectos positivos da Vida Religiosa hoje, que devemos sublinhar, de um ponto de vista universal.

1. A busca sincera de oração generalizada; desejo de viver profundamente uma experiência de Deus que se prolongará no risco cotidiano da vida; experiência de deserto, orações profundas e prolongadas, sobretudo nos jovens. Isto é compreensível. À medida que descobrem a voca-

ção profética, sentem a necessidade de equilíbrio interno e de colocar-se à escuta. A Palavra estava em Deus e era Deus e se fez carne em Maria. Necessidade de pobreza, de contemplação.

2. Sentido de comunidade: comunhão, unindo as tensões, algumas necessárias, outras provocadas por polarizações não necessárias. O Superior deve ter a capacidade de harmonização, respeitar o humano e harmonizá-lo no Espírito. Descobrir a Igreja como comunidade.

3. A forte inserção evangélica no mundo: o espírito missionário que nos envia a anunciar a Boa Nova. Com todos os riscos de contágio, com a superficialidade do mundo ou perda de especificidade de consagrados ou essencialidade evangélica.

Nossa vocação apostólica deve, a exemplo do Cristo, partir do Evangelho, sem confundir os campos, sem clericalismo ou laicização. Todos vão buscando a transformação do mundo por um modo novo de viver o Sermão da Montanha.

Quisera, em três pontos, destacar qual é a missão do Superior Maior na linha que nos descreveram: realidade de Brasil, de Igreja, de Vida Religiosa.

1) Os Superiores Maiores devem ser os grandes animadores e comunicadores do Espírito; os primeiros conduzidos pela fortaleza, verdade e consolação. O espírito de verdade para descobrir, ver, escutar o que o Senhor quer hoje. O espírito que os faça ser verdadeiros. Que os ajude a ser coerentes, como cristãos, entre o que falamos e o que somos; como religiosos, na profecia; como superiores entre o que anunciamos e o que somos! Fortaleza que nos impeça o desânimo, a tristeza. É tentação dos Superiores. Infelizmente não chegam até mim os milagres, mas chegam-me os problemas! Se vim ao Brasil apenas para dizer-lhes: "Não tenham medo", salvei a passagem! Animadores que impeçam a tristeza: superar na esperança os momentos difíceis.

Nesta missão há alguns aspectos a considerar:

Clara noção de Igreja particular e grande amor a ela. A Vida Religiosa não se entende sem a Igreja. Viver a Igreja na realidade concreta. Isso não os exclusiviza ou afasta da Igreja Universal. Nesta missão de um Superior Maior insistam em descobrir a Igreja. Não apenas estudá-la mas saber como é, e isso com os outros membros da comunidade local, com quem a preside. "Mas o Bispo não entende!" Façam o possível para que entenda.

Muitos conflitos se evitariam se se vivesse o mistério de Cristo Pascal, juntos. A Igreja Particular é interpelada por problemas específicos e a resposta é de todos. Comunhão da Igreja Particular. Neste contexto discernir: Onde estão os pobres? Como ir a eles? O lugar, o modo? Serão revistas, com fidelidade ao Espírito, certas obras que possuímos; discer-

nir isto no contexto de Igreja universal, mas como resposta a esta realidade concreta.

Outro aspecto é a alegria da diversidade. Não podemos impor o mesmo modo de optar. O modo pode variar, mas a opção pelos pobres é evangélica. Além disso a alguns lhes é pedido um modo de ser pobre muito doloroso. Quando alguém sente forte inclinação para isso, pode ser um impulso do Senhor, mas pode ser também que o Senhor nos peça o desprendimento da forma como quiséramos realizar.

Se me permitissem optar entre permanecer à frente da Sagrada Congregação ou ir à paróquia, não duvidaria. Uma forte inclinação pode não ser o que Deus quer. No Brasil vejo e insisto: não existe vida religiosa em seu dinamismo senão na Igreja Particular. Cada um vale, na Igreja Particular, pelo que é e não pelo que faz. Daqui a importância de renovação profunda de seu ser de consagrado, e de viver a fidelidade a seu próprio carisma.

2) Na missão dos Superiores Maiores está a animação de comunidades pascais. As Comunidades que temos, que sejam sinais visíveis, que na totalidade de seus membros, anunciem Jesus. O Superior Maior desenvolve papel essencial, sobretudo nas três linhas que as formam: oração, fraternidade evangélica, espírito missionário. Se ele, ao visitá-las, procura infundir-lhes isso, apesar da diversidade, e trata de comprometê-las num sentido de abertura ao mundo, realiza seu papel principal de Superior. Não percam tempo com o acidental. Que suas comunidades sejam simples e alegres, porque comprometidas.

3) Quais as características ou condições exigidas para um superior maior? Não para que renunciem, mas para que se comprometam:

a) Uma grande capacidade para ler o Senhor. Espírito contemplativo e pobreza. Quando alguém é seguro, dificilmente descobre o Senhor na história ou no irmão. Ele o faz a partir de uma convicção pessoal.

Um Superior deve ser um contemplativo, que faz saborear a Palavra do Senhor com alma de pobre, que nos faz olhar à luz da fé a dura realidade. Ela nos fala e nela está o Senhor. Que o Superior fale sempre a partir do Evangelho. Pobreza radical que nos coloca diante de Deus: "Fala, Senhor!"...

b) Uma grande capacidade de amor. Amor que é compreensão, união, harmonia e anúncio. Chora com os que choram... e se alegra com os que se alegram... Compreender uns aos outros. Porque aqui, este grupo pensa assim e este outro assim? Capacidade para unir sendo diferentes, tendo relógios que saibam sintonizar com as horas diferentes. Saber dizer: a você cabe a hora do descanso, a você a do trabalho.

c) Capacidade de anunciar, isto é, de alegria. Quem ama, infunde alegria. Isso exige a disponibilidade para morrer. Exige algo muito forte. Não é a morte infecunda do que desaparece, mas a do grão que frutifica.

d) Forte capacidade de esperança! Muito fraca, pobre como Maria, que fecha os olhos e se abandona às aventuras indescritíveis. Serva do Senhor! Sabe que nada sabe, nada pode, mas sabe que Deus está aí e que tudo pode. Diante do mundo diz: "Fiat e Magnificat".

Ânimo! Avante Superiores Maiores! É a hora de Deus para a América Latina e para os Religiosos na América Latina! Vivam esta hora com intensidade, amor e alegria.

Rádio Vaticano para o Brasil

As emissões da Rádio Vaticano para o Brasil vão, diariamente, ao ar às 20 horas de Brasília, nas seguintes freqüências: **1º)** Em ondas curtas de 19 metros e 74=15.200 quiloherz. **2º)** Em ondas curtas de 25 metros e 64=11.700 quiloherz. **3º)** Em ondas curtas de 31 metros e 20=9.615 quiloherz.

A finalidade atribuída à Rádio Vaticano pelo seu fundador Pio XI, confirmada depois, pelos seus sucessores Pio XII, João XXIII e Paulo VI, é de dar a conhecer, exata e tempestivamente, a palavra do Papa e as decisões dos órgãos centrais da Igreja a todo o mundo. Além de seguir fielmente este roteiro traçado pela Santa Sé, atualmente o PROGRAMA BRASILEIRO vem focalizando outros aspectos universais da vida da Igreja, agrupando-os sob diversos títulos, mais ou menos sugestivos, como: A Igreja nos países em via de desenvolvimento, Fatos que chamam a nossa atenção, Notícias que fazem refletir, O Evangelho e Você, o Mundo mais perto de Você, etc.

Não há quem não compreenda a importância desta forma de apostolado. Divulgar e fazer divulgar a palavra que vem de Roma é intensificar os contatos diretos do Papa com todo o Povo de Deus pelos meios modernos da comunicação.

Qual é o sinal do cristão?

A resposta do catecismo de minha infância, a sei de cor até hoje. De mês em mês, administro o batismo solenemente. E repetimos (padre, pais, padrinhos) a mesma resposta. Quando leio os Atos dos Apóstolos, capítulo 4, versículo 13: "Vejam como se amam!" começo a refletir. O sinal do cristão e do religioso é o amor, embora não seja o específico do cristianismo e da vida religiosa, o amor. Específico para o cristão e o religioso é a radicalização do amor. Não exclui o inimigo. E não tem medidas. "Amai-vos como eu vos amei".

CAMINHANDO PARA O SÍNODO

Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte
Bispo de Itapipoca, CE
Membro da Comissão Episcopal de Pastoral
responsável pela Linha 3 da Catequese

Foi com grande satisfação que tomei conhecimento da iniciativa da CRB, através do seu presidente, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, S. J., de dedicar todo o segundo semestre da revista "Convergência" ao tema do próximo Sínodo, com o intuito de "ajudar aos Religiosos a se motivarem para ele e a terem à sua disposição um material relativamente rico que lhes permita viver este grande acontecimento eclesial".

Em maio, Pe. Marcello solicitava-me, na qualidade de membro da Comissão Episcopal de Pastoral, responsável pela linha 3 da Catequese, "um artigo de abertura para ser publicado no número de agosto".

Lastimando apenas a falta de tempo para elaborar um trabalho mais documentado, vou tentar com este artigo apresentar a marcha da Igreja para o próximo Sínodo a reunir-se de 30 de setembro a 29 de outubro para estudar **"A Catequese no nosso tempo com particular referência à Catequese das crianças e dos jovens".**

I. A ESCOLHA DO TEMA

Já no Sínodo de 1974, a Catequese tinha aparecido entre os assuntos sugeridos. Na nova consulta feita ao episcopado sobre o possível tema para o Sínodo deste ano, ela apareceu nas respostas de alguns membros do Conselho da Secretaria Geral do Sínodo; e de alguns episcopados, tendo sido colocada entre os cinco primeiros lugares na lista das indicações. Parece que foi sobretudo a preocupação de dar continuidade ao Sínodo anterior sobre a Evangelização do Mundo Contemporâneo que levou o Santo Padre a escolher a Catequese como o tema do próximo Sínodo. Ao menos o documento preparatório aponta essa continuidade como o primeiro motivo de interesse do tema escolhido (cf. nº 2 p. 5).

II. A FORMULAÇÃO DO TEMA

O tema do próximo Sínodo foi formulado da seguinte maneira: **De Catequesi hoc nostro tempore tradenda praesertim pueris atque juvenibus.** A tradução oficial, ou pelo menos oficiosa, em português é: "A Catequese no nosso tempo com particular referência à catequese das crianças e dos jovens"(1).

Não disponho de dados para esclarecer como e porquê se chegou a essa formulação. O Exmo. Sr. Cardeal Dom Aloísio Lorscheider, membro do Conselho da Secretaria Geral de Sínodo, afirmou-me, entretanto, que ela não deixou de provocar certas dificuldades e discussões.

A formulação proposta presta-se a uma dupla ou mesmo tripla consideração, dependendo do que se pretende acentuar. Pode-se com efeito, acentuar: a **catequese em geral; a catequese nesse nosso tempo;** a catequese "praesertim pueris atque juvenibus", **com particular referência às crianças e aos jovens".**

A primeira acentuação não me parece suficiente para justificar a escolha da catequese como tema de um Sínodo. Os Sínodos não têm por objetivo tratar apenas de questões gerais mas de certos assuntos de atualidade prática. Por isso mesmo o documento preparatório recomenda que se evitem "as considerações demasiado genéricas sobre a catequese" (cf. nº 3, p. 7). Não teria sentido que o Santo Padre convocasse um Sínodo para tratar sobretudo da catequese em geral. Um dos objetivos gerais de um Sínodo é tratar de questões "que dizem respeito à vida interna da Igreja e sua conveniente ação no mundo hodierno".

Justifica-se que a catequese seja tema de um sínodo para que nele se estude "o momento prático da atividade da Igreja no campo catequético, o que porém não exclui a discussão sobre os princípios". E, lembrando a continuidade com o Sínodo passado que tratou da Evangelização do **mundo contemporâneo,** é legítimo que se acentue no próximo Sínodo a catequese **"nesse nosso tempo".** O interesse do Sínodo estará em estudar os problemas da catequese levantados no contexto do mundo contemporâneo. Parece que essa acentuação corresponderia à expectativa mais generalizada do episcopado e dos fiéis.

No entanto, o Conselho da Secretaria Geral do Sínodo, ao que tudo indica por desejo expresso do Santo Padre, optou por insistir também na particular referência às crianças e aos jovens. Percebi que muitos bispos inicialmente não reagiram de maneira favorável à essa acentuação em referência às crianças e aos jovens. O especificativo latino **praesertim pueris atque juvenibus** poderia dar a impressão de um retrocesso no esforço catequético da Igreja que nos últimos tempos tanto salientou a catequese dos adultos.

Chamo, entretanto, a atenção para a tradução oficial ou oficiosa da expressão latina "praesertim": **com particular referência.** A expressão

---

1) É este o título da versão portuguesa do documento preparatório enviado pela Santa Sé para uso da CNBB.

latina "praesertim" não significa, na mente dos formuladores do tema, que a catequese deva "ser dirigida quase exclusivamente" ou principalmente "às crianças e aos jovens" (Cfr. Doc. prep. nº 1, p. 5). O próprio Santo Padre declarou na Evangelii Nuntiandi: "sem minimamente negligenciar, seja em que asperto for, a formação religiosa das crianças, verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos" (n. 44).

Posso, portanto, concluir que o próximo Sínodo deverá tratar da Catequese **nesse nosso tempo,** incluindo, **sobretudo** os adultos, mas sem omitir uma **"particular referência"** às crianças e aos jovens. E mesmo essa particular referência deve ser entendida mais num sentido sociológico, e conseqüentemente prospectivo, que num sentido puramente psicológico. Mais de uma vez o documento preparatório traduz a expressão "crianças e jovens" por um termo sociológico: "gerações mais novas". Ele considera o peso das gerações mais novas "na renovação responsável da catequese". Por isso aconselha que se evitem "os problemas demasiadamente específicos referentes à catequese das crianças e dos jovens; mas a atenção há de ser provavelmente dirigida para as experiências vivas da Igreja que faz catequese, preocupada sobretudo com as gerações mais novas" (n. 3, p. 7).

III. O PROCESSO DE PREPARAÇÃO DO SÍNODO

É interessante que nós tenhamos uma idéia de como se tem processado a preparação do Sínodo.

1. A redação do documento preparatório: os "Lineamentos"

Depois que se estabeleceu o tema do Sínodo, os Membros do Conselho da Secretaria Geral disseram sob que pontos de vista ele deveria ser apresentado e indicaram as primeiras idéias. Um pequeno grupo de peritos, tendo em mãos essas idéias enriquecidas pelas contribuições de organismos consultados, prepararam um ante-projeto que foi submetido à discussão do mesmo Conselho, cujos membros deram a sua contribuição visando a corrigir e completar o ante-projeto que, revisto pelos peritos com uma comissão de 6 bispos, deu origem a um segundo ante-projeto. Este foi discutido pelo Conselho da Secretaria Geral do Sínodo, com a presença dos peritos, os quais redigiram o texto final do documento preparatório à guisa de "Lineamentos".

2. As grandes linhas do documento preparatório

Antes de tudo quero sublinhar a receptividade bastante favorável dada pelo episcopado a esse documento elaborado para "uso das Conferências Episcopais".

Trata-se de um texto provocador, sumamente sugestivo que, redigido

num estilo positivo, foge à polêmica estéril, sem deixar de indicar as grandes tensões da catequese de hoje. Não pretende impor nada. "Tem por finalidade facultar uma consulta ordenada do Episcopado e reveste-se de um valor prevalentemente indicativo" e questionador. "É deixada aos Bispos a liberdade para adaptar às situações locais tanto aquilo que se diz nos pontos ilustrativos para cada assunto apresentado, como aquilo que se pergunta com os quesitos formulados" (n. 3, p. 8).

Convém destacar primeiro o uso que faz do termo **catequese** numa acepção rica, mas suficientemente definida, em contraposição ao termo "evangelização" num sentido bem amplo usado no Sínodo de 1974. Trata-se agora de uma "aplicação eclesial mais específica" da evangelização ao campo da catequese, como educação da fé para a maturidade cristã. Não se pretende portanto repetir o Sínodo anterior, mas, em continuidade com ele, iluminar os problemas atuais da educação da fé (catequese) visando à sua renovação na educação das novas gerações (Cf. n. 2, p. 5 e n. 1, p. 3).

Confirmando a interpretação que demos da "particular referência às crianças e jovens", notamos que dos 18 parágrafos desse documento apenas 3 (nºs 7, 8 e 9) dizem respeito a essa referência. Todos os outros falam dos problemas da catequese no contexto do mundo contemporâneo.

Gostaria ainda de ressaltar alguns pontos:

◆ A consciência de que toda a Igreja deve ser ao mesmo tempo catequizante e catequizada (Cf. n. 5 e 6).

◆ A indicação dos principais desafios que a catequese deve enfrentar no mundo contemporâneo.

a. A relação entre catequese e culturas contemporâneas (n. 10), que já tanto preocupara os Bispos no Sínodo de 1974 e reaparece com vigor na Evangelii Nuntiandi.

b. A tensão entre catequese e situações sociais a exigirem o empenho social dos cristãos. Assunto ventilado também no Sínodo anterior e retomado pela Evangelii Nuntiandi que afeta principalmente os países do Terceiro Mundo, particularmente o continente cristão que é a nossa América Latina.

c. O problema na Catequese e liberdade (n. 12) questão candente quando se observa o cerceamento crescente da liberdade religiosa, sobretudo no exercício profético da palavra, tanto em países do leste como nos do oeste.

d. O desafio que os meios de comunicação social (n. 14) levantam à catequese pelas idéias e modelos de comportamento de vida que eles difundem.

Enfim, o documento não deixa de referir-se a certas questões eternas da catequese, mas que devem sempre ser repensadas no fluxo e refluxo dos acontecimentos da história da salvação como: conteúdo da fé e catequese (n. 16), método da catequese (n. 17).

3. O uso do documento preparatório ou "lineamentos"

No dia 25 de março de 1976, o Secretário Geral do Sínodo Mons. Ladislao Rubin, escreveu aos Presidentes das Conferências Episcopais comunicando-lhes um texto, caracterizado como "Lineamentos", que não se apresentava como exposição sistemática, mas apenas como indicação de problemas e interrogações sobre uma série de assuntos para excitar e promover a consulta nas próprias Conferências Episcopais sobre o tema do Sínodo.

Esses "lineamentos" teriam por provocar, de maneira mais eficaz, a consulta às Igrejas Particulares e obter o seu parecer acerca do tema sinodal.

Mons. Ladislao pedia ainda aos Presidentes das Conferências Episcopais que coligissem num todo as observações de suas respectivas Conferências e as enviassem a Roma antes do dia 30 de novembro passado.

Baseada nessas observações recolhidas do mundo inteiro, a Secretaria Geral do Sínodo cuidaria de elaborar um esquema a ser enviado posteriormente aos participantes do Sínodo como **"texto-base"** para as discussões sinodais.

Esse processo foi escolhido para melhor atender aos desejos de não poucas Conferências no sentido de que o esquema a ser debatido no Sínodo fosse elaborado a partir das observações enviadas pelas próprias Conferências Episcopais, além das dos Dicastérios da Cúria Romana e da União dos Superiores Gerais.

4. O uso do documento preparatório pela CNBB

No caso do Brasil, o uso desse documento foi assim planejado pela CNBB. A Comissão Episcopal de Pastoral aprovou, na sua reunião de maio de 1976, que a Linha 3 de Catequese solicitasse aos Regionais o resultado dos estudos feitos pelos bispos, em nível regional. As respostas, devidamente unificadas, seriam enviadas à CNBB até o dia 30 de setembro de 1976 para que a Linha 3 apresentasse um resumo, já em nível nacional, que pudesse servir de ponto de partida para a reflexão da Comissão Representativa, cuja reunião estava marcada para 19 a 25 de outubro de 1976. Esta poderia assim acrescentar ou matizar algo.

Aconteceu que o número de respostas dos Regionais foi bastante reduzido. Somente o Sul 4 respondeu dentro do prazo indicado. Já no mês de outubro chegaram as contribuições do NE. 2, S. 1. S. 2, L. 2, N. 2 e de 11 dioceses; 6 do S. 3,3 do L. 2 e 2 do L. 1, além de poucas paróquias.

A equipe de coordenação dos assessores da CNBB reconheceu que a Linha 3 estava na impossibilidade de apresentar a tempo um texto suficientemente representativo de todo o Brasil para servir de base para as discussões da Comissão Representativa. Optou-se então por outra alternativa: a Comissão Representativa refletiria sobre o tema do Sínodo a partir dos "lineamentos" vindos de Roma, embora seus membros devessem cuidar o mais possível de dar

a sua contribuição na qualidade de representantes do seu Regional.

Devo confessar que, pela exiguidade do tempo e pela mudança do método, o resultado dos estudos da Comissão Representativa em vista do Sínodo, pareceu relativamente pobre. Ele está publicado no nº 289 do Comunicado Mensal da CNBB de outubro de 1976. De qualquer modo foi enviado à Secretaria Geral do Sínodo dentro do prazo indicado, como a contribuição da CNBB.

5. As respostas ao documento preparatório

Apesar da insistência do Secretário Geral, poucas respostas chegaram dentro do prazo marcado de 30 de novembro de 1976. Foi preciso esperar mais tempo para que se pudesse redigir uma relação sintética, para os membros do Conselho, compreendendo 80 textos, assim distribuídos: 8 orientais, 19 da África, 19 da América, 8 da Ásia, 17 da Europa, 3 da Oceania-Austrália, 1 da União dos Superiores Gerais, 4 dos Dicastérios Romanos, 1 da Comissão Teológica Internacional.

Conforme essa relação sintética, o conjunto dos relatórios enviados apresentaram numa grande diversidade de quantidade e qualidade, uma enorme riqueza de esforços e iniciativas. Vista através das respostas do Episcopado, a Catequese parece provocar um impacto profundo na vida dos fiéis e formar o objeto da maior preocupação dos Pastores do Povo de Deus em nosso tempo.

As observações dos Bispos denotaram uma grande sensibilidade e uma profunda preocupação pastoral para com os problemas tratados. Descrevem com paciência minuciosa e objetividade serena um quadro circunstanciado, eloqüente e dinâmico da Catequese, com os esforços e as dificuldades, as decepções e as perspectivas, tal como ela é vivida e sentida neste ou naquele território. Poucos, entretanto, se referem à catequese das crianças e dos jovens.

A situação não é a mesma num país jovem ou de velha cristandade, o dinamismo é diferente de um país a outro, os obstáculos não são os mesmos nos países de plena liberdade política e naqueles em que a liberdade está previamente sujeita a razões do Estado ou de ideologia.

Os redatores dessa relação sintética adotaram o método que consistiu em determinar os **pontos-chaves** que, postos em confronto uns com os outros, permitiram destacar a problemática dos relatórios enviados, revelando o seu conteúdo e as intenções e motivações das respostas tais como foram concebidas.

A análise dos diferentes textos permitiu determinar os seguintes nove pontos-chaves:

1) A noção de "Catequese".

2) Os destinários ou grupos a que se dirige a Catequese.

3) As responsabilidades para com a Catequese.

4) O conteúdo e o objetivo da Catequese.

5) Os métodos da Catequese.

6) A organização da Catequese, instituições eclesiais para a Catequese.

7) O contexto sócio-cultural e histórico.

8) O contexto sócio-político.

9) O contexto eclesiológico-pastoral.

6. A elaboração do "texto-base" ou "esquema" de trabalho

Ao enviar aos bispos os "lineamentos", Mons. Ladislao explicava que as observações recolhidas do mundo inteiro serviriam de base para que a Secretaria Geral fizesse elaborar um esquema a ser enviado posteriormente aos participantes do Sínodo como "texto-base" para as discussões sinodais.

À medida que as respostas iam chegando, a Secretaria Geral as enviava aos peritos: Audinet, Caporello, Goretti e Heck para que eles as estudassem em vista da preparação do esquema de um documento de discussões. Entre 19 e 24 de janeiro os peritos se reuniram para debater, com profundidade as respostas recebidas. O Professor Audinet, do Instituto Católico de Paris, fez a primeira redação de um texto que os peritos julgaram unanimemente corresponder bem, quanto à substância, ao conteúdo das discussões anteriores. O Rev. Egídio Caporello aperfeiçoou a redação do texto, como já o fizera anteriormente na redação dos "Lineamentos".

Este texto dos peritos foi apresentado aos Membros do Conselho da Secretaria Geral na sua sessão de 7 a 15 de março de 1977, como o esboço de um "esquema" que tornasse mais fácil a redação final do documento sidonal.

Nessa reunião, mais longa por sugestão do Cardeal Aloísio Lorscheider, o Conselho deveria preparar o esquema para o próximo Sínodo usando, como fundamento das discussões, o texto dos peritos apresentado como "primeiras anotações para um documento de trabalho".

1) As articulações do texto-base

A riqueza e a qualidade das respostas dadas pelas Conferências Episcopais aos "lineamentos" sugeriram o esquema provisório do próprio documento, articulado em três partes:

1ª Parte: **A situação da catequese no mundo.**

Nesta parte descritiva (ver) são indicados primeiramente os aspectos globais e mais comuns da catequese no nosso tempo e em segundo lugar algumas questões particulares que, pelos dados da consulta, parecem ter maior realce.

a. Aspectos mais gerais:

— A vitalidade do movimento catequético.

— As suas energias interiores.

— O fato novo e profundamente vivo do Concílio Vaticano II.

— A crescente participação do povo de Deus no serviço catequético, complexo e variado nas suas expressões.

— O caráter situacional da catequese pela sua referência aos problemas do nosso tempo e às exigências da vida cristã até um compromisso temporal libertador em coerência com a fé.

b. Questões mais específicas de particular realce:

— A transformação dos lugares da catequese.

— A nova consideração dos destinatários da catequese.

— A evolução dos métodos da catequese.

— A renovação dos modos de exprimir os conteúdos da catequese.

— As novas responsabilidades em face da catequese.

2ª parte: **Critérios fundamentais da catequese da Igreja.**

Nesta parte crítica (julgar) do documento, os peritos renunciaram apresentar uma exposição orgânica da teologia da catequese à semelhança de um "diretório" sistemático de caráter pastoral que descrevesse e definisse objetivos, conteúdo e métodos da catequese, porque já existem diversos documentos dessa natureza, proveniente da Santa Sé ou das Conferências Episcopais, aos quais qualquer um poderá facilmente recorrer.

Pareceu-lhes mais oportuno relembrar os **critérios eclesiais** mais importantes para o discernimento das formas autênticas da catequese e para uma animação sua na diversidade de situações em que se desenvolve.

São indicados apenas alguns critérios, a serem aprofundados ou completados no decurso da Assembléia Sinodal, que se referem ao menos implicitamente, às questões descritas na primeira parte e procuram dar indicações teológicas e pastorais a quem trabalha no setor catequético.

Nesta segunda parte se pretende acentuar de modo particular o caráter eclesial da catequese para que fique bem claro que a inspiração última de toda catequese e de todas as suas questões parte da vida da Igreja, da sua vocação e missão profética, do seu relacionamento com o Pai no Cristo pelo Espírito, da sua sacramentalidade, da sua história, tradição e esperança.

Essa reflexão se articula em torno dos seguintes pontos:

1) A Igreja e a Catequese.

2) A Igreja da fé e dos sacramentos.

3) A "traditio Evangelii" (transmissão do Evangelho) e a "redditio Symboli" (profissão da fé).

4) As múltiplas formas da "traditio Symboli".

5) A responsabilidade na ação catequética da Igreja.

6) As novas gerações e a catequese.

A elucidação dos **critérios eclesiais** da catequese se articula sobretudo em torno do que a Igreja sempre fez e é chamada a fazer hoje e amanhã: acolher e transmitir o Evangelho (traditio Evangelii) professar a fé e educar para a profissão da fé (redditio symboli, confessio fidei), na expectativa da volta gloriosa do Senhor.

3ª Parte: **Perspectivas da renovação da catequese.**

O objetivo desta parte prática (agir) é identificar, fundando-se nas recomendações das Conferências

Episcopais, algumas pistas que exprimem os aspectos mais urgentes de uma vontade comum de renovação e constituem um apelo à iniciativa e à criatividade.

São as seguintes as pistas apontadas:

— Catequese da comunidade cristã pela comunidade cristã.

— Catequese do Evangelho e conforme o Evangelho.

— Catequese, boa nova aos pobres.

— Catequese na multiplicidade das culturas contemporâneas.

— Catequese, carismas e ministérios.

— Catequese, teologia, magistério.

— Catequese e ecumenismo.

2) **As discussões sobre o texto base**

O texto redigido pelos peritos foi discutido duas vezes, na sua reunião de março de 1977, pelo Conselho da Secretaria Geral; a primeira vez conforme a redação inicial, a segunda já com as emendas incorporadas pelos Membros do Conselho.

A comissão de peritos recebeu então a tarefa de fazer uma terceira redação do novo esquema que será o texto-base ou instrumento de trabalho do próximo Sínodo, levando em conta as novas observações e emendas sugeridas mais uma vez pelos membros do Conselho.

Uma vez concluída esta redação, o texto será enviado a todos os Padres Sinodais que o estudarão e confrontarão com a situação catequética de seu país.

Vê-se que definitiva essa redação, do texto-base está sendo lenta e laboriosa pois até agora ele não chegou às mãos dos destinatários, a não ser que a lentidão esteja na eleição que cada Conferência deverá fazer dos seus representantes e a Secretaria Geral só o queira enviar quando estiver completa a lista dos Padres Sinodais.

CONCLUSÃO

Os limites deste artigo não permitiram desenvolver mais as linhas da reflexão preparatória do Sínodo. Penso, entretanto, que o histórico desse caminhar da Igreja para o Sínodo revela a direção que ela está tomando e que, pelo interesse e importância atribuídos ao tema, está em jogo não apenas o futuro da catequese, mas, de alguma forma, da própria Igreja.

"O Espírito sopra onde quer" e Ele nos reserva muitas vezes surpresas agradáveis como no Vaticano II que desmontou os esquemas insatisfatórios previamente preparados de cima para baixo. Temos, pois, razão para sermos otimistas em relação ao próximo Sínodo, quando pensamos que a sua preparação está se processando de baixo com o impulso vindo de cima, deixando que o Espírito de Deus sopre onde Ele quer.

Observa-se que o Concílio Vaticano II não produziu um documento para a catequese como o fez para a liturgia e outras atividades pastorais. O próximo Sínodo poderá ser

a oportunidade de recolher com simpatia tudo o que está acontecendo no mundo para a renovação da catequese e dar assim a sua contribuição para a retomada de um caminho ainda mais repleto de esperança para a marcha da Igreja peregrina.

Só me resta agradecer ao Exmo. Sr. Cardeal Dom Aloísio Lorscheider, pelas informações que me deu enquanto voávamos pelos céus do Brasil para uma reunião ordinária da Presidência da CNBB com a CEP, e pela documentação que colocou à minha disposição.

●

Estudos, Debates, Seminários: Vocação de Perenidade

Vivemos na história. E o atual momento histórico, que ninguém sabe quanto tempo vai durar, caracteriza-se pela **necessidade de colocar em debate** todas as realidades que importam: Estado, Igreja, Vida Religiosa, Família, Medicina, Educação, etc. Só o que for submetido a este debate e sobreviver a ele terá carta de cidadania para os tempos que estão para vir. Consciente desta realidade, a própria Igreja encaminhou ela mesma o debate que lhe diz respeito. Esta confiança é uma das marcas de sua perenidade. A falta de debate gera uma ilusão de tranqüilidade. Entre os termos que aflora e os problemas que debate: o básico permanece intocável; o novo valoriza os princípios originais e os atualiza conforme às necessidades. É a vocação de perenidade da Igreja.

B R E V E S — I

Evangelii Nuntiandi. A espinha dorsal desta Exortação Apostólica é a concentração cristológica. A substância e o conteúdo da evangelização só podem ser determinados a partir do mistério e da figura histórica de Jesus Cristo.

Caracterização. A evangelização **é** uma realidade viva, complexa e dinâmica. **Não é** uma questão quantitativa de espaços geográficos e de massas humanas. **É** um problema qualitativo de vida nova com Deus e com os irmãos, feita possível por Jesus Cristo.

Igreja e mundo. A Igreja não é o **mundo** mas não pode definir-se como **não-mundo.** Ela é **sacramento do mundo,** isto é, testemunha **no** mundo e **para** o mundo da lógica concreta da existência resgatada.

Um endereço útil

Em CONVERGÊNCIA, mês de março de 1977, páginas 125-126, Você encontrou 80 linhas de informe sobre **Rumos Da Filosofia Atual No Brasil** do Pe. Stanislavs Ladusãns, SJ. Se não leu, leia. Se quiser encomendar o livro, dirija-se ao **Centro Católico de Filosofia** de São Paulo. Caixa Postal, 11.587 — 01000 São Paulo — SP. O atendimento é pronto. Você vai gostar.

ENTRE DOIS SÍNODOS: EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE

Pe. Carlos Palacio, SJ

A quinta assembléia geral do Sínodo dos Bispos terá lugar em Roma no próximo mês de outubro. Na sua jovem existência, esta espécie de senado eclesial já se debruçou — num exercício concreto de colegialidade efetiva — sobre uma série de problemas candentes que afetam à Igreja universal (1). Um desses problemas, que não podem ser resolvidos unicamente a partir do centro, constitui o tema da próxima reunião: **A Catequese no mundo contemporâneo, com particular referência às crianças e aos jovens.**

A pertinência e a atualidade do assunto despertará o interesse não só de todos aqueles — homens e mulheres — que se desgastam dia a dia num trabalho obscuro de evangelização, mas também dos estudiosos que buscam responsável e corajosamente novas respostas para os desafios lançados à catequese por uma sociedade pluralista e póscristã.

O objetivo deste trabalho é muito despretencioso: definir o mais exatamente possível os termos do problema para chegar a formular, através deles, as verdadeiras questões de fundo. O mais importante, contudo, não é uma definição formal dos termos evangelização e catequese. Do ponto de vista teológico é mais significativa a consciência viva da comunidade eclesial, ainda que seja latente e se manifeste só em atitudes e práticas que nem sempre encontram uma expressão adequada na linguagem.

1. O ponto de partida: radiografia de dois documentos

Perante uma generalização progressiva do termo evangelização para designar todo o processo de educação para a fé (2), o tratamento isolado, em Sínodos sucessivos, dos dois temas em questão, não deixa de ser significativo em si mesmo e teologicamente revelador. Para não

cairmos, contudo, numa "teologia da suspeita" é indispensável que as nossas observações se apóiem numa base objetiva. A aproximação comparativa da "Evangelii Nuntiandi" e do texto enviado às Conferências episcopais para a preparação do próximo Sínodo constituirá o fundamento da nossa reflexão (3).

1.1 Gênese e gênero literário

A gênese, o valor teológico e o gênero literário de ambos documentos impedem-nos, porém, equiparálos precipitadamente. O primeiro — a "Evangelii Nuntiandi" — é uma reflexão sobre a evangelização a partir das riquezas do Sínodo de 1974 (n. 5), isto é, da consciência explícita da Igreja naquele momento histórico. Não é nem poderia ser uma síntese de todas as questões teológicas e dos temas candentes que agitaram o Sínodo, depois de terem alimentado os debates teológicos dos últimos anos, marcando — em sentidos diversos — o esforço missionário da Igreja. O documento papal é fruto de todo o material de reflexão acumulado no Sínodo, e a resposta ao apelo dos Bispos, desejosos de terem uma orientação explícita para a Igreja universal.

O segundo documento é apenas um esboço do que será o texto-base para as discussões sinodais. O conteúdo central e a estrutura foram discutidos e aprovados pelos membros do Conselho permanente em 1975. Uma equipe de peritos foi encarregada de reelaborar esse material e o resultado foi o texto atual, enviado no dia 25 de março de 1976 aos Presidentes das Conferências Episcopais para estudo e discussão. Trata-se, pois, de um roteiro capaz de provocar a reflexão nas Igrejas particulares sem grande pretensão sistemática.

Respeitando essa diferença e sem esquecer o caráter provisório do segundo documento, é lícito interrogar-se sobre a relação existente entre ambos e sobre a continuidade ou descontinuidade das teologias subjacentes.

1.2 A Exortação "Evangelii Nuntiandi"

Uma das conquistas irreversíveis da Evangelii Nuntiandi é a sua "concentração cristológica": a essência e o conteúdo da evangelização só podem ser determinados a partir do mistério e da figura histórica de Jesus Cristo. Esta intuição preside e dirige todo o primeiro capítulo (nn. 1-16). A vida de Jesus Cristo, na sua totalidade, se define pela sua missão (n. 6). Assim também, é a missão evangelizadora que confere à Igreja a sua identidade profunda e constitui a sua tarefa essencial (nn.13-16). Ou ela descobre e vive essa relação filial que nos é dada em Jesus Cristo pelo Espírito, ou deixa de ser a Igreja de Jesus Cristo (nn.6-12).

A caraterização cristológica da realidade e da essência da evangelização (Cap. I e II), assim como a visão antropológico-teológica subjacente (unidade entre criação-redenção-salvação, e, portanto, entre evangelização e libertação: Cap. III), condicionam profundamente toda a

atividade mediante a qual é anunciado o Evangelho, suscitada a fé nos não-cristãos e alimentada nos cristãos. Essas duas dimensões — cristológica e antropológica — inseparáveis mas irredutíveis, exigem uma revisão profunda dos meios (tradicionais, como pregação, catequese, sacramentos, etc. ou novos, como CEBs, Círculos Bíblicos, Campanha da Fraternidade, etc.), da imagem que temos dos "destinatários" (não só os não-cristãos, mas a própria Igreja como "servidora da verdade" n.78 e sempre necessitada de conversão n.15) e da Igreja mesma enquanto sujeito ativo da evangelização.

A evangelização é, pois, uma realidade viva, complexa, dinâmica que não pode ser reduzida a um só dos seus elementos (n.17). Não é uma questão "quantitativa" de espaços geográficos ou de massas humanas; é antes um problema "qualitativo", de vida nova — com Deus e com os irmãos — feita possível por Jesus Cristo. Dentro deste processo, a catequese encontra o seu lugar adequado e é reduzida às suas verdadeiras proporções (n.44).

1.3 O documento do Sínodo

O segundo documento, necessariamente menos elaborado do ponto de vista teológico por ser apenas um instrumento de trabalho, pretende continuar a linha do Sínodo de 1974 (p.5). A análise atenta da terminologia, porém, deixa transparecer um deslizamento sutil de perspectivas. A catequese, que é **um aspecto** do anúncio do evangelho (p.3), é considerada depois como uma **aplicação** específica da evangelização (p.5), até ser praticamente identificada com ela: **"expressão específica"** da mesma (p.24). Poder-se-ia dizer que a catequese se tornou aqui, em sentido estrito, **a** forma da evangelização.

Essa flutuação da terminologia revela um estreitamento do conceito de catequese e uma regressão com relação à teologia do último Sínodo e da Exortação de Paulo VI. Apesar de certos títulos altissonantes (catequese e culturas contemporâneas, catequese e situações sociais, catequese e liberdade, etc.) o discurso teológico do documento desliza entre os diversos temas sem *t*er encontrado o seu estatuto epistemológico. Se as observações prévias sobre o método excluem uma elaboração científica do sentido e da função da catequese e uma reflexão sobre a situação cultural do nosso tempo (4) para concentrar-se na análise das experiências concretas (p.6 b), p.7 a), na permuta de informações e na renovação pedagógica (p. 16, 19), é porque **se dá por suposto** qual é o papel da catequese dentro da **missão** global da Igreja e no conjunto das outras atividades eclesiais, e quais os verdadeiros desafios que a metamorfose das culturas contemporâneas representa para uma autêntica educação da fé. Ora, são essas "evidências" que têm sido postas em questão pela própria crise da catequese. O movimento de renovação catequética das décadas de 50 e 60, incluídos os Institutos especializados, passou do entusiasmo à perplexidade, terminando muitas vezes no desânimo e na paralisia. A nova situação da catequese

está configurada necessariamente pela profunda transformação do mundo moderno, que exige do cristão e de todo o corpo eclesial um novo modo de existir, uma articulação inédita da fé com a "linguagem" que é o tipo de existência do homem moderno (5).

A tranquilidade com a qual o discurso desliza espontaneamente por entre os mais complexos temas só se explica pressupondo que as vicissitudes do mundo moderno só atingiram tangencialmente a essência da catequese ou, em outras palavras, que ela conserva, no conjunto da missão da Igreja, o mesmo papel desempenhado numa Igreja de cristandade. Esta ausência de rigor científico e de coragem intelectual na formulação do problema se reflete na própria composição do texto, heterogêneo e desarticulado como se reconhece explicitamente (p. 8) (6). Se o método revela uma teologia, esta condiciona a interpretação das **experiências.** Com que critérios e em função de que objetivos devem ser julgadas as situações, examinados os problemas e sugeridas eventuais orientações? Sem um modelo teórico-interpretativo, consciente e explícito, a análise das experiências catequéticas não será uma auscultação teológica da vida das Igrejas particulares como lugar histórico e concreto da Palavra de Deus. Ora, esse enfoque indutivo foi a atitude do Sínodo de 74 como fora também a do Vaticano II. A distância de métodos e de teologias entre a Evangelii Nuntiandi e o documento sobre "A catequese no mundo contemporâneo" nos obriga a definir com exatidão os termos em questão.

2. Querigma e evangelho: as "palavras" e a "coisa"

A linguagem religiosa está submetida ao desgaste e às vicissitudes de toda linguagem. Palavras como evangelização ou catequese carregam consigo o peso das interpretações teológicas e das configurações históricas que receberam através dos séculos. A esta ambigüidade se acrescenta ainda a conotação pejorativa que estes termos adquiriram na linguagem corrente: por extensão, catequese passará a significar doutrinação; catequizar equivale a procurar convencer, aliciar; evangelizar é preconizar uma idéia ou doutrina. De certa forma é um processo de "secularização": palavras cristianizadas pelo uso eclesial ao longo da história e carregadas de sentido teológico são reintegradas no solo da linguagem secular e profana da qual surgiram. Mas essa metamorfose tem repercussões na inteligência do cristão e na reflexão teológica. Por trás das palavras pode ser desfigurada a própria realidade significada. A purificação da linguagem está a serviço da consciência que a Igreja tem da sua missão.

2.1 O uso de Querigma na teologia moderna

O esclarecimento dos termos evangelização e catequese, assim como a compreensão das suas relações mútuas, passa necessariamente

pela elucidação de um terceiro elemento: o conceito de querigma. De fato, esta palavra está intimamente vinculada no N.T. ao anúncio público da Boa Notícia que é o Evangelho. Por outro lado, as divisões introduzidas na teologia e na ação pastoral da Igreja entre evangelização (como prepação missionária ou primeiro anúncio aos não-cristãos) e catequese (como instrução progressiva na fé) estão baseadas numa interpretação redutora e certamente discutível do querigma.

O sucesso inicial deste conceito se deve, em grande parte, às reflexões de um grupo de teólogos que, no fim da década de 30, preocupados com a aridez da teologia escolástica e com o divórcio entre teologia científica e existência cristã, começaram a pensar sobre as leis próprias de uma teologia concebida programaticamente como teologia da pregação (daí o seu nome de "teologia querigmática"), baseada na Bíblia e nos Santos Padres (7). Mas as causas da generalização e as razões pelas quais este conceito se tornou central na teologia moderna são muito complexas e provêm de horizontes diversos. Entre elas é indispensável lembrar o surto missionário da pastoral depois da segunda guerra, sobretudo na França, as implicações práticas de uma exegese cada vez mais crítica e técnica, e o projeto burtmanniano de desmitologização e de interpretação existencial do N.T. A diversidade de perspectivas e de objetivos é suficiente para despertar a suspeita de que, o mesmo termo, tirado do vocabulário do N.T., é empregado de formas e com sentidos diferentes.

A "teologia da pregação" esforçou-se por entender este conceito como síntese da realidade total da fé cristã, ainda que o conteúdo e o caráter de doutrina ocupassem nela com freqüência o primeiro plano (8). Não podemos, contudo, negar-lhe o grande mérito de um cristocentrismo consequente e existencial.

A renovação da teologia missionária — tanto nos países não-cristãos como nos velhos países cristãos de uma Europa destruída por duas guerras — explorou novos aspectos do querigma. Mas a sedução das idéias claras e distintas acabou introduzindo uma separação que não correspondia à verdadeira natureza do querigma. A. Rétif, por exemplo, restringe o significado original do querigma ao anúncio do evangelho aos não-cristãos (pregação missionária ou de conversão à fé), para contradistinguí-lo, por um lado, da catequese ou **didaché**, isto é, a explicitação, sobretudo moral, da mesma doutrina feita aos fiéis, e, por outro, da exortação ou didascália como aprofundamento ulterior da catequese graças ao contato com a Escritura (9). A distinção e progressiva separação destes três elementos corre o grande perigo de fazer desaparecer a sua unidade interna. Não podemos esquecer que o querigma deve ser anunciado incessantemente e que — como nos mostra o N.T. — o acontecimento da proclamação era atualizado de formas diversas na própria comunidade dos batizados. Essa concepção do querigma, portanto, não faz justiça nem ao gênero literário dos Atos dos Apóstolos — considerado precipitadamente como o reino so-

nhado de um querigma puro —, nem à complexidade real da pregação primitiva como se desprende de todo o N.T., nem mesmo ao uso muito mais amplo que os Padres gregos faziam desta palavra.

Mais complexo e delicado é o juízo sobre a contribuição da exegese moderna à elucidação do conceito de querigma. A investigação paciente do N.T., segundo os mais rigorosos métodos da crítica histórica, abriu perspectivas insuspeitadas e não cessou de produzir uma purificação e um enriquecimento na inteligência das origens cristãs e do N. T. Era natural que a figura de Jesus e o querigma eclesial fossem um dos campos mais cobiçados por um método ébrio de luz nesses domínios. Nessa longa e agitada história houve posições extremas que traumatizaram até hoje os destinos da investigação. A procura desesperada de um Jesus quimicamente puro, libertado de qualquer interpretação da fé, teria como reação a sua busca no "verdadeiro Cristo da pregação apostólica" (M. Kähler); por sua vez, a concentração exclusiva num querigma pós-pascal, absoluto da vida terrestre de Jesus e auto-suficiente para suscitar a fé, corria o risco de perder as suas raíses históricas, provocando a ruptura definitiva entre a história terrestre de Jesus e a proclamação pós-pascal do seu mistério. Mutilados na sua essência, isolados das suas origens históricas e eclesiais, reduzidos ao aspecto formal de uma locução que interpela o ouvinte, o querigma e a fé ficavam expostos à arbitrariedade de uma religião mistérica, ao entusiasmo sem controle dessa concepção fantástica do homem que foi a gnose ou à mais recente interpretação existencial que caracterizou o programa desmitologizador de Bultmann (10).

Nenhuma destas interpretações esgota a riqueza neotestamentária do conceito de querigma, e nem todas lhe são igualmente fiéis. É, pois, necessário confrontar o(s) conceito(s) moderno(s) de querigma com a significação que tem o grupo correspondente de palavras no N.T. Trabalho importante, porque toda a reflexão teológica como também a ação pastoral da Igreja dependem, em parte, da maneira de interpretar este conceito.

2.2 Sentido de Querigma no N.T.

O sentido neotestamentário de querigma não se deixa facilmente sintetizar. É um conceito plurivalente. Basta lembrar que o N.T. possui mais de 30 palavras para descrever uma única realidade: a transmissão, entre os homens e por meio deles, da Palavra de Deus. Algumas delas nos são familiares: evangelizar (euangelisomai), anunciar publicamente (keryssein), ensinar (didáskein), conversar familiarmente (omilein). Como fazer ressoar essa riqueza numa palavra tão incolor como "pregar", que é a tradução mais comum? Tal imprecisão revela o empobrecimento progressivo desses termos que, na sua aventura lingüística, através do latim freqüentemente, chegam até nós demasiado débeis e inexpressivos, incapazes de proteger e de evocar os matizes reais que enriqueciam a ex-

periência da comunidade primitiva. A simples transposição de palavras gregas numa língua moderna não carrega consigo toda a riqueza semântica. Além do mais, querigma, por exemplo, será sempre uma palavra estranha em português, raiando o barbarismo. Diante da flutuação atual no uso lingüístico deste termo é necessário explorar a multiplicidade de sentidos e as suas implicações ocultas nessa atividade complexa que era a pregação cristã primitiva.

O arauto (keryx) é aquele que tem autoridade oficial para anunciar publicamente, e com caráter obrigatório, uma mensagem. O decisivo, nesse gesto, é o ato em si mesmo: ao ser proclamada, a mensagem se torna operativa no seio da comunidade. Por isso, no N.T., querigma significa, certamente, o conteúdo, a mensagem, mas sobretudo a **ação**, a proclamação com poder, a pregação com autoridade, enquanto que o verbo (kerysséin) designa principalmente a **atividade** do arauto.

Um simples levantamento estatístico das frequências é revelador em si mesmo. O verbo aparece mais de 60 vezes; os substantivos arauto e querigma só se encontram 3 e 8 vezes respectivamente. Ao evitar o termo arauto é possível que os escritores do N.T. nos queiram indicar que o único arauto é Jesus Cristo, diante do qual se eclipsam todos os outros pregadores. Mesmo a mensagem, a doutrina como tal, não constitui a **novidade** cristã. Para o N.T., o verdadeiramente importante é a **atividade** querigmática, o **ato** mesmo de anunciar. É por isso que Marcos gosta de empregar este verbo em sentido absoluto quando o aplica a Jesus (1,38.39.45; cfr. 3,14; 16,20). Dessa forma é a própria vida de Jesus na sua totalidade — gestos, palavras, comportamento —, que se torna o objeto do querigma. Curiosa concentração cristológica pela qual o sujeito (arauto), a ação (atividade) e o conteúdo (a própria vida) se identificam na pessoa de Jesus. Ele **é** a Boa Notícia, o evangelho em pessoa, a irrupção do Reino de Deus em atos (11).

2.3 Querigma e Evangelho

Realiza-se assim a transição espontânea entre querigma e evangelho. Proclamando e evangelizando o Reino de Deus: assim descreve Lucas a atividade itinerante de Jesus (8,1). O anúncio não é um ato formal; tem um conteúdo: a Boa Notícia trazida por um mensageiro. Também aqui o uso da terminologia é sintomático. O que é posto em relevo agora é o substantivo, o "evangelho" (12). O objeto da proclamação (euangelion) é a própria história de Jesus; nos seus gestos e palavras faz irrupção a salvação para o mundo. A "vida de Jesus" é essa Boa Notícia (Mc 1,1; cfr. 14,9), deve ser proclamada, é em si mesma querigmática. O "evangelho de Deus" (Mc 1,14) é o "evangelho de Jesus Cristo" (1,1), porque na sua história se esgotou o tempo de esperar: tornou-se imediatamente próximo o momento (kairós) esperado por todos (1,15). O querigma participa, portanto, do caráter dramático e dinâmico dessa boa notícia, de uma nova época que começa, do tempo da salvação, da irrupção do Reino em Jesus.

Esta vinculação, pelo menos indireta, do querigma e evangelho com a vida e história de Jesus, se tornará confissão explícita depois de páscoa, afirmação direta sobre o mistério total da sua pessoa (vida, morte e ressurreição), sobretudo no querigma paulino.

Os temas e o conteúdo do evangelho em Paulo são muito variados. O termo designa tanto o ato da proclamação, o trabalho missionário, como o conteúdo da mesma que se estende a toda a mensagem: o querigma cristológico fundamental, recebido da tradição (1 Cor 15,1 ss) (que pertence ao "depósito da fé" como doutrina santa que a Igreja deve guardar), assim como a significação salvífica da sua "obra". No evangelho paulino estão incluídos os conteúdos mais variados da pregação cristã: justificação pela fé na morte de Cristo, participação dos pagãos na salvação, reconciliação dos povos, a esperança de uma plenitude futura, etc. Também a exortação ética ou parenese (1 Tes 2,3.12; Col 2,6 s; Ef 4,20 s) faz parte do "evangelho". Tudo, porém, se articula e unifica em torno de Jesus Cristo: ponto de partida e conteúdo do evangelho (13).

A partir de aqui podemos compreender como são frágeis e problemáticas as distinções demasiado claras dentro da complexa pregação primitiva. Acentuar a separação entre querigma, catequese ou **didaché** e exortação ética; reduzir o querigma à pregação missionária aos não-cristãos; substrair a história de Jesus a qualquer influxo do querigma; privilegiar ao Atos dos Apóstolos como exemplo quimicamente puro do querigma; limitá-lo à sua força de interpelação, etc. é estabelecer contornos excessivamente claros que não correspondem à realidade dos fatos no N.T.

2.4 Aspectos essenciais do querigma

A essência do **querigma** neotestamentário é o **evangelho**. Segundo Marcos o seu conteúdo é a própria "vida de Jesus"; para Mateus é o Reino de Deus como o compreende e anuncia Jesus; Lucas prefere o sentido primitivo de evangelizar e faz da história de Jesus o esboço inicial da história missionária da Igreja, mostrando a sua unidade coerente; nos Atos é a "palavra" de Deus; para Paulo é o mistério total de Jesus Cristo revelado na sua morte e ressurreição. Temos aqui o primeiro elemento essencial do querigma: a história de Jesus como fundamento permanente, objeto e critério de todo anúncio do evangelho. É como relato e interpretação pós-pascal dessa história que o querigma primitivo recebe autoridade, legitimação e poder normativo sobre a "tradição" (parádosis) posterior (1 Cor 15,1 ss).

Mas o querigma não é apenas mensagem; ele é antes de tudo **acontecimento** na vida de Jesus, primeiro arauto e evangelizador por antonomásia. Por isso é inerente ao querigma — e aqui encontramos o segundo elemento essencial — ser **ato de proclamação.** Evangelizar é a missão do apóstolo (1 Cor 1,17; 9,16). Não apenas aos não-cristãos. O evangelho é dirigido ao homem como tal (Rom 1,14-17; cf. Gál

2,7). Também ao cristão, ao fiel. E deve, por isso, ser proclamado uma e outra vez à comunidade dos crentes para nela ser atualizado de formas diferentes (pregação, oração, liturgia, etc.). Na íntima conexão entre palavra e sacramento — cujo ápice é a celebração da Ceia do Senhor segundo 1 Cor 11,26: todas as vezes... anunciamos... — se realiza plenamente o caráter público do querigma.

Este dinamismo interno do querigma para a sua expressão litúrgica e sobretudo eucarística nos permite compreender a sua relação profunda com a catequese ou didaché e com a exortação ou **didaskalia**. São **formas** da evangelização na medida que recebem dela o seu dinamismo e participam e contribuem dessa forma à ação querigmática total (14). A proclamação exige como resposta a confissão (Rom 10,8 s), que possui já um certo caráter de doutrina (2 Tim 4,2) ou de verdade, na medida que o relato dos acontecimentos, a anâmnese da história, evoca aspectos essenciais que são parte integrante dos acontecimentos. Mas não se trata apenas de interpretação ou explicação teórica. A mensagem proclamada se torna exigência de conversão e apelo à decisão. Essa unidade interna entre querigma, catequese e exortação é o que Paulo chamava "dinamismo do evangelho como salvação" (Rom 1,16).

O terceiro aspecto decisivo na proclamação do evangelho é a relação entre querigma e missão (Rom 10,15). Para que o acontecimento salvífico que é a história de Jesus se torne realidade operante entre os homens é necessário que seja proclamado. Vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo tem que chegar até nós sob forma de "palavra" humana (lógos tou staurou: 1 Cor 1,18; lógos tes katallages: 2 Cor 5,19) e na linguagem total que é a vida da comunidade: a missão como serviço e testemunho do querigma.

Esta evangelização nunca pode ser uma iniciativa particular, nem mesmo de grupos isolados. Como durante a vida de Jesus (Mc 3,14; Lc 4,18.43 s; 9,2; Mt 10,7), a proclamação do evangelho é ação de toda a comunidade eclesial. A Igreja toda é enviada por Jesus Cristo na força do Espírito. Essa missão é tarefa recebida como encargo do Ressuscitado (Jo 20,19-23; Mc 16, 14-18 e par.). Sem tal mandato a transmissão do evangelho seria propaganda, lembranças de uma história passada ou comunicação de verdades universais, mas nunca seria "missão" (2 Cor 4,5; Mt 10,27). É dentro desta missão fundamental que surge a diferenciação dos ministérios e a distribuição das tarefas dentro da comunidade eclesial missionária (1 Cor 12).

A estrutura e as características da proclamação do evangelho hoje devem ser, portanto, as mesmas que as do querigma apostólico. É um processo produzido pelo Espírito de Cristo; a matriz do anúncio é a comunidade de fé e a ela é destinada a proclamação (2 Tim 2,2) para que se torne força viva e atuante de conversão e obediência em todas as manifestações da sua vida, como testemunho da Boa Notícia, do grande

acontecimento libertador que é a história de Jesus Cristo. É então que poderá levá-lo — com autoridade, gestos poderosos e intrepidez — a todos os homens (Rom 1,14-17).

Esta rápida incursão na riqueza de sentidos e nas implicações eclesiais do conceito de querigma e de evangelho manifesta que é justificada a adoção do termo evangelização para designar a totalidade do processo de educação e amadurecimento da fé. Revela-nos também que a distinção de etapas e a diversificação das formas não devem ocultar a unidade do processo evangelizador. Mas a análise semântica não é suficiente para elucidar a problemática e o questionamento atual. Esses resultados devem ser completados com o estudo da evolução das formas que estes termos revestiram ao longo da história da Igreja.

3. Catequese e evangelização: formas históricas e consciência eclesial

Apesar das atenções dispensadas à catequese nos últimos decênios é necessário reconhecer que ela representa um terreno problemático e minado, tanto para os teólogos como para os que labutam dia a dia com as dificuldades concretas. Nem as distinções e subdistinções teóricas, nem as adaptações constantes — metodológicas na maioria dos casos e sem questionar o estatuto próprio da catequese na missão da Igreja — são capazes de desfazer o mal-estar arraigado no subconsciente eclesial por uma visão "doutrinária" da catequese que se refletiu mesmo no uso pejorativo que o termo adquiriu na linguagem corrente. Nesse extenso subconsciente a catequese continua a ser "doutrinação" cristã para as crianças (16).

Como desfazer esse malentendido? Perseguindo desde a origem até hoje as formas históricas nas quais se plasmava o sentido da catequese para as comunidades situadas no espaço. Através dessas formas teremos acesso à consciência histórica que a Igreja tinha da sua missão. O sentido e as formas da catequese variavam conforme o estatuto social da Igreja, isto é, segundo a maneira de compreender e viver a sua relação com o mundo, a sociedade e a cultura.

3.1 Etimologia e uso do verbo "catechein"

Voltemo-nos para o N.T. Uma primeira aproximação do termo "catechein" nos mostra que o seu sentido etimológico tem ressonâncias muito próximas dos termos evangelho e querigma antes analisados. Com efeito, na linguagem corrente e profana dos gregos, esta palavra significa ressoar contra, ecoar, retumbar, fazer ressoar no ouvido de alguém e, por extensão, instruir de viva voz. Esta era, precisamente, a tarefa do apóstolo: fazer ecoar o evangelho até as extremidades do mundo (Rom 10.18 no contexto de 10, 9-18; cfr. Sl 19,5). No N.T. prevalece o sentido original e profano de ecoar, instruir de viva voz, com o **predomínio da ação** sobre o con-

teúdo. Das 8 vezes que este verbo aparece, nenhuma delas tem o sentido estrito de "dar catequese" que adquirirá posteriormente (17). Aliás, o N.T. desconhece o substantivo catequese.

É precisamente o **objeto** do verbo (a "instrução", mas também o "caminho", a "tradição", a "palavra", etc.) que dará coloração religiosa a este termo, profano nas suas origens. No cristianismo esse conteúdo não tem outras fronteiras a não ser as da tradição. O N.T. todo é uma grande catequese. Neste sentido, portanto, a significação do verbo está muito próxima dos termos evangelização e querigma. O conteúdo dessa instrução de viva voz é o querigma cristológico, o cerne da pregação dos apóstolos: a morte e ressurreição, a confissão de Jesus de Nazaré como messias e salvador.

Esse cristocentrismo, que, nos evangelhos se dilata até o início do ministério público de Jesus e mesmo à sua origem divina (antes), e que, no resto do N.T., se preoçupa também com as suas prolongações finais (depois), alimenta o entretempo da vida eclesial no Espírito (agora). Durante os primeiros séculos, o querigma cristológico invadia completamente o horizonte eclesial: a prepação, as instruções homiléticas, e mesmo as explicações alegóricas do A.T. eram apenas variações sobre o único tema: o mistério de Jesus Cristo. Os Símbolos da fé — primeiras sínteses sistemáticas — explicitavam o anúncio cristológico e desenvolviam a estrutura trinitária da fé. A própria liturgia era o grande querigma de Jesus Cristo, da salvação pela sua morte e ressurreição: primeiro na grande celebração da Páscoa, prolongada durante 50 dias, depois — quando despontarem os primeiros sinais do arianismo — com a festa do Natal, celebração da Encarnação e do nascimento. Esta concentração no querigma cristológico poderia explicar o desaparecimento do termo "catechein" durante o s.II. Só com a aparição das primeiras heresias — no sentido de momentos críticos na história do dogma cristológico — começará a preocupar o conteúdo formal e a necessidade de protegê-lo pela instrução. A partir do s.III — depois de um longo silêncio e de uma ausência total nos escritos dos primeiros Padres — e ao redor da instituição do catecumenato será retomado o velho termo do N.T. A catequese como realidade na vida da Igreja forjava agora um vocabulário próprio. O acento, porém, passaria progressivamente da **ação** de ensinar ao **conteúdo** da doutrina. É nessa linha que se processará a evolução posterior (18).

Com o perigo de simplificação inerente às "grandes sínteses" poderíamos dividir a história da catequese em quatro períodos: o primeiro, desde o início do s.III até o fim da idade patrística; o segundo desde o s.VII até o fim da Idade Média; o terceiro desde a Reforma até a Ilustração; e o quarto, toda a época moderna até os nossos dias. A nossa finalidade não é tanto histórica como teológica. Trata-se de induzir dessas formas a consciência da missão eclesial. Essa aproximação poderia iluminar alguns dos nossos impasses atuais (19).

3.2 A catequese batismal dos primeiros séculos

Os primeiros séculos da Igreja poderiam ser denominados os séculos da "catequese batismal". É a afirmação original da fé cristã face a uma sociedade na qual irá conquistando paulatinamente o seu lugar. Sem estatuto social, sem instituições de apoio à fé, as comunidades cristãs são comunidades dispersas no meio de um mundo hostil. A educação da fé é uma iniciação progressiva que vai do anúncio à plena inserção no mistério de Jesus Cristo, através de uma instrução que articula com equilíbrio catequese e liturgia, para desembocar no batismo. A missão da Igreja, dirigida essencialmente aos adultos, é evangelizar através do testemunho que, mais de uma vez, é literalmente martírio.

A instituição do catecumenato que comporta uma catequese de iniciação e uma preparação imediata para o batismo (desde o início da quaresma), não tem o sentido atual de "catequese" (doutrina cristã ou formação geral sobre moral ou religião). É uma introdução ao mistério de Jesus Cristo que conserva ainda a estrutura cristológica do querigma, a sua dimensão histórico-salvífica e o clima teologal alimentado na liturgia (20). Verdadeira "mistagogia": introdução à festa e realização do mistério em cada um dos que nele tomam parte.

3.3 A educação da fé na Idade Média

Os grandes deslizamentos de massa para o interior do cristianismo com a conversão do Imperador Constantino, e o ingresso na Igreja dos povos germânicos, no começo da Idade Média, constituem um fenômeno inédito que marcará o segundo período. São as bases da assim chamada Igreja de cristandade: a penetração progressiva do cristianismo nas mais diversas manifestações e âmbitos da realidade social, acompanhada de uma organização cada vez mais complexa da instituição eclesial.

Esta adaptação social acarretará profundas transformações no domínio da educação da fé. O rigor existencial do antigo catecumenato cede lugar a uma iniciação sumária nos rudimentos da doutrina cristã, na esperança de que a celebração das festas litúrgicas se torne o principal meio de educação na fé. Os resultados foram outros. Terminada a época dos grandes Padres sentir-se-á progressivamente na pregação a rusticidade dos conceitos teológicos. A cultura carolíngia — erguida sobre fundamentos antiarianos — ao acentuar a fé na Trindade estava trabalhando para novas sínteses da fé. O conteúdo é o mesmo, mas os centros de interesse mudaram: a acentuação da divindade de Jesus Cristo na pregação (próxima de uma equivalência na qual "Deus" e "Cristo" são conceitos permutáveis) iria descentrar o cristocentrismo radical da evangelização primitiva. Por outro lado, a liturgia, celebrada numa língua cada vez mais estranha ao povo, não poderia desempenhar o papel educador que tinha na antiga "catequese batismal". A doutrina cristã começa a perder a sua harmonia interna para se des-

dobrar numa multiplicidade crescente de pontos doutrinais isolados e frequentemente secundários (costumes populares, devoções, veneração dos santos, etc.). Este divórcio entre o ensino simples e a verdadeira teologia contribuirá para o desenvolvimento da piedade popular e de uma dimensão cada vez mais moralizante da fé (21).

A escassa catequese formal na formação do povo era compensada, contudo, pela riqueza religiosa de uma vida social impregnada de elementos cristãos em todas as suas manifestações. Com o desaparecimento do catecumenato, numa Igreja de cristandade, a educação da fé estava confiada, sobretudo, à força da vida comunitária e social, do ambiente, da família, etc. (22). Sem catequese de crianças ainda, e com uma rudimentar formação religiosa da juventude, apoiada na legislação carolíngia da organização escolar, a fé se aprendia como se aprende a língua materna: por osmose.

Por trás dessa situação de cristandade transparece uma concepção típica da missão: propagação quantitativa da fé, identificada muitas vezes com a implantação da Igreja em novos territórios, cujas fronteiras cristãs se confundem frequentemente com as conquistas políticas. Evangelizar é implantar a Igreja com o apoio do poder secular ou é dilatar as fronteiras do Império com o sinal da cruz.

A pedra de escândalo, dentro e fora da Igreja, é a reivindicação de um evangelho em liberdade.

3.4 A crise de reforma

O primeiro abalo desta posse pacífica da fé se fará sentir com a crise da Reforma, ponto de referência para o terceiro período. O movimento desencadeado por Lutero provoca uma atitude defensiva que se traduz na preocupação pela instrução, sobretudo da juventude, e que culminará com a catequese paroquial estabelecida no Concílio de Trento. É a época dos catecismos: desde o de Lutero (1529) até o Catecismo universal pensado pelo Vaticano I (1870), passando pelo de S. Pedro Canísio (1555), pelo Catecismo chamado romano, fruto do decreto do Concílio tridentino e publicado sob Pio V (1566) e pelo conhecido catecismo de S. Roberto Bellarmino (1598).

Com exceção do catecismo de Canísio, a maioria destas publicações, nascidas num contexto de heresia, estão envolvidas numa atmosfera polêmica que transparece na estruturação dos catecismos, na acentuação dos pontos atacados, na formulação de perguntas e respostas, na apresentação da "doutrina" que devia ser aprendida de cor. Esta cristalização da catequese produz um recuo no conceito de missão (defesa da fé), cuja agressividade se reduz à conquista de novos espaços geográficos (é a época das grandes descobertas). A ambigüidade dessa "missão civilizadora" não fez mais do que prolongar a antiga aliança da Igreja com o Império. O esvaziamento do conceito de missão é paralelo à formalização progressiva da catequese como forma privilegiada da educação da fé.

3.5 As "aulas de religião" e a fé "ilustrada"

O século das Luzes e os ressaibos do nominalismo acentuarão ainda a exigência de uma fé "ilustrada", capaz de responder à racionalização progressiva da cultura. É neste contexto (fins do s.XVIII) que surgem as "aulas de religião" no âmbito da escola obrigatória, cujas vantagens nunca chegarão a reparar os danos do inteletualismo, do moralismo da fé e do divórcio entre introdução doutrinal e experiência do mistério, cujo contexto vital não é mais a celebração litúrgica mas um lugar profano.

Esse processo que pervade a época moderna desde a Ilustração aos nossos dias (quarto período) é a prolongação da "crise dos catecismos" como reação típica da contrareforma. As vicissitudes do movimento de renovação catequética, cujas origens remontam ao início deste século, refletem as dificuldades de encontrar novas formas de educação da fé num mundo secularizado, voluntariamente pós-cristão e imagem viva do "fracasso de uma cristandade" (23). A marginalização progressiva da Igreja na sociedade atual lembra — ao invés — a sua situação inicial de diáspora. As novas formas da catequese deverão responder à consciência eclesial de missão num mundo descristianizado, no qual só será possível uma fé adulta que faça pendant ao catecumenato primitivo.

Depois de termos analisado a evolução semântica dos vocábulos evangelização e catequese e de termos sobrevoado as principais formas históricas dos mesmos podemos deduzir algumas consequências para a nossa própria situação.

4. A modo de conclusão: desafios e tarefas

Depois desta rápida incursão na linguagem e na prática eclesial do anúncio de Jesus Cristo, o termo "evangelização" parece ser o mais adequado teologicamente para designar a complexa realidade da implantação, crescimento e desabrochamento da experiência de fé suscitada pela pregação do evangelho. Tornar-se cristão é, portanto, um **processo** dentro do qual a catequese será sempre um aspecto da totalidade da educação para a fé. Esta é a acepção dos dois termos na Evangelii Nuntiandi (ns.17 e 44).

4.1 Purificação e unificação da linguagem

A função e as formas da catequese devem ser interpretadas e revisadas à luz da consciência que a Igreja tem da sua missão no mundo. Os primeiros séculos — missionários por imperativo, num mundo onde o cristianismo era um fenômeno irrelevante — souberam manter o equilíbrio entre o primeiro anúncio do evangelho, a iniciação cristã e o enriquecimento da vida de fé pela exortação ou pregação.

A catequese batismal era uma síntese harmônica de anúncio, formação doutrinal e celebração litúrgica do mistério. O desaparecimento do catecumenato como instituição seria o início de uma distinção artificial dos três aspectos que terminaria na separação arbitrária entre evangelização (como anúncio reservado aos pagãos), catequese (instrução doutrinal e ética) e pregação ou exortação como três **momentos consecutivos** na ação pastoral da Igreja (24). O papel predominante e absorvente da catequese, com seu caráter fortemente intelectual e moralizante, como **a** forma de educação da fé e o resultado de toda uma evolução na qual se transformaram a relação da Igreja com o mundo e o próprio conceito de missão. A purificação e a unificação da linguagem é um primeiro passo na elucidação das relações entre catequese e evangelização.

A análise da evolução dos termos e o estudo das suas formas históricas confirmam, pois, a suspeita inicial de uma descontinuidade entre as teologias subjacentes à Evangelii Nuntiandi e ao documento preparatório do próximo Sínodo. Por se ter confrontado corajosamente com os graves problemas da evangelização hoje, por ter respeitado a sua complexidade, sem impedir que eles amadureçam na práxis viva das comunidades eclesiais iluminada pela reflexão teológica, a Evangelii Nuntiandi constitui uma etapa importante na explicitação da consciência eclesial (25). Ora, o documento preparatório do próximo Sínodo revela não só a flutuação da terminologia, mas a ausência de uma reflexão sobre as funções e relação da catequese com a evangelização. É o que se esperaria de um Sínodo que pretende prolongar as intuições teológicas do anterior (p. 5). Mas a consideração da catequese como função permanente da Igreja dirigida a todos os cristãos (p.11 s) é um reconhecimento puramente **formal** que não supera o conceito clássico de catequese. A concentração do interesse nos jovens e crianças não é uma delimitação **estratégica** mas uma limitação **teológica**. A descontinuidade com relação à Evangelii Nuntiandi é perigosa em si mesma como manifestação sintomática de uma involução da consciência eclesial que veio à tona no último Sínodo. Por trás da linguagem transparece finalmente uma teologia diferente da Igreja e da missão. Qual é a imagem que a Igreja tem de si mesma? Como compreende a sua relação com o mundo?

4.2 Nova figura da Igreja

Tal relação, com efeito, não é mais a das primeiras comunidades, irresistivelmente pujantes no seio de um mundo pagão, nem o idílio prolongado de uma cristandade (mesmo que hoje se oculte sob um "neo") que pôde, por vezes, provocar a sensação de ter plantado definitivamente as tendas da sua transfiguração, mas a penosa experiência de ruptura com um mundo que se define voluntariamente pós-cristão, senão anti-cristão em muitos dos seus valores, apesar das suas origens. Esta nova situação histórica — na qual a persistência do fato cristão e das suas tradições não mais representa muitas vezes do que a sua absorção no patrimônio comum da

cultura ocidental, seja a secularizada das cidades, seja a da religiosidade eclética dos mais simples — faz saltar em pedaços a imagem de uma Igreja-Arca de Noé fora da qual não há salvação. A realidade da graça de Jesus Cristo desborda as fronteiras visíveis da Igreja (26).

O despedaçamento da imagem **quantitativa** da Igreja, onde a prática religiosa era confundida com vida cristã responsável, onde o triunfalismo numérico se apoiava frequentemente numa sacramentalização fisicista e instantânea, é um fato de sociologia religiosa. A sua significação e as suas causas, porém, são bem mais profundas do que poderia sugerir a simples desafeição sacramental (27). Trata-se do ocaso de uma "figura histórica" do cristianismo, cujo desaparecimento só será fecundo se da sua morte surgirem novas "linguagens", i.é. articulações estruturais — mesmo a nível social e institucional, religiosidade popular, ministérios, CEBs, etc. — da fé em Jesus Cristo. Esta "ressurreição" só é possível através de **testemunhas** pessoais, de comunidades verdadeiras, únicas capazes de suportarem o peso de uma relação viva e atual com Jesus Cristo na continuidade de uma história que começa na Palestina.

4.3 A relação da Igreja com o mundo

A situação inédita na qual é colocado hoje o cristianismo não é um atentado à essência da Igreja, mas uma nova articulação da sua **relação com o mundo e a história.** Aqui radica finalmente o verdadeiro problema da Catequese no mundo contemporâneo: a relação Igreja-mundo. Não mais no sentido das "teologias das realidades terrestres" que prepararam os caminhos do Vaticano II, nem mesmo das "teologias políticas" e seus epígonos que — não sem certos ressaibos de neoclericalismo — proliferaram depois do Concílio, mas como uma relação **inerente** à própria essência da Igreja e sem a qual ela não poderá compreender-se a si mesma nem abrir-se à novidade do evangelho no processo da história. A Igreja não é o "mundo", mas não pode definir-se como "não-mundo". Ela é "sacramento do mundo": testemunha **no** mundo e **para** o mundo da lógica concreta da existência resgatada. Este problema exigiria um aprofundamento das relações entre eclesiologia e cristologia, sobretudo no nosso contexto brasileiro dos últimos anos (mudanças das formas externas, mas nova consciência sobretudo da missão e conseqüente distanciamento do poder; despertar de comunidades nascidas do povo, ambigüidade e desafios da religiosidade popular, criação de comunidades como **lugar** da relação com o mundo, etc.). O único "sinal" do Reino é Jesus Cristo, revelador de Deus, ou melhor, testemunha do Pai na história. A Igreja não é a prolongação histórica da encarnação, nem administradora diligente de um instituto salvífico, mas testemunha dessa história, porção **cristicamente** consciente do mistério que trabalha a história humana.

À luz desta relação inerente à Igreja começaríamos a compreen-

der, talvez, que significam revelação **na** história, tradição como **o ser** mesmo da Igreja, e missão como **serviço** de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Então estaríamos em condições de captar o que palpita nas intuições programáticas da "teologia da libertação", nessa imensa preocupação pela justiça que se apoderou dos cristãos, ou no profetismo incômodo de uma Igreja que começou a sua conversão para os pobres. Se a Gaudium et Spes introduziu uma novidade metodológica (a análise indutiva da realidade: GS. ns.4-10, 12-20, 24-29, 33-37) para **nela** descobrir os "sinais" (da revelação) de Deus e fazer relevante a mensagem cristã (GS. n.44) é em coerência com um conceito dinâmico de **revelação na história** (DV. n.2-5) e da Igreja como "sacramento do mundo" (LG.1,8). Sem uma aplicação conseqüente deste "teologizar" do Vaticano II aos conceitos de revelação e tradição desde a relação intrínseca Igreja-mundo, estaremos condenando inevitavelmente a catequese e a evangelização à esquizofrenia de dois discursos irreconciliáveis: o analítico-social e o teológico.

A educação da fé do cristão de amanhã não pode evitar este desafio. Se **ser cristão** significa cada vez mais **tornar-se cristão**, se a educação da fé deve ser um verdadeiro processo histórico, devemos tirar todas as conseqüências para a catequese. Paradoxalmente uma das tarefas mais urgentes da Igreja é a de recuperar a liberdade do evangelho: optar historicamente para libertar a fé cristã das garras de um modelo social e histórico que pretendeu capitalizar em seu favor o próprio evangelho. Este é o ponto crítico da evangelização e da catequese nos nossos países. Os últimos acontecimentos da Igreja no Brasil parecem confirmá-lo. O próprio documento preparatório do Sínodo é consciente desta urgência (p.17), ainda que a sua solução seja extrinsecista e dicotômica. Mas o problema permanece: a pedra de escândalo — dentro e fora da Igreja — é a reivindicação de um evangelho em liberdade.

NOTAS

1. Eis os temas tratados até agora por esta instituição, criada por Paulo VI a 15 de setembro de 1965 durante a última sessão do Concílio Vaticano II: fé, magistério, teologia (1967); conferência episcopais e Sede apostólica (1969); ministério sacerdotal (1971); evangelização (1974). 2. Esta constatação, feita já em 1972 para o Brasil (ver: J. A. RUIZ de GOPEGUI, **Evangelização: algumas reflexões críticas.** Em: **Comunicado mensal da CNBB**, n. 238, julho de 1972, pp. 22-24) é válida de maneira geral, sobretudo a partir do Sínodo de 74 e da Exortação apostólica "Evangelii Nuntiandi" de Paulo VI. 3. Os números entre parêntese correspondem sempre à "Evangelii Nuntiandi"; as páginas se referem ao documento "A Catequese no mundo contemporâneo". 4. "Hão de ser evitadas, portanto, quer as considerações demasiado genéricas sobre a catequese, quer as discussões abstratas sobre o nosso tempo". (p. 7). 5. Ver: H. C. LIMA VAZ, **Cristianismo e mundo moderno,** em: Paz e Terra n. 6 (1968) pp. 5-20; ID. **Fé e linguagem,** em: **Credo para amanhã**, 2, Petrópolis 1971, pp. 15-50; ID. **Experiência de Deus,** em: Grande Sinal. n. 7 (1973) 483-498. 6. A partir deste ponto de vista é sinto-

mática a freqüência da palavra "risco" (p. 4, 6, 8: três vezes; p. 15: duas vezes, p. 16, 17, 20, 21). 7. Ver J. A. JUNGMANN, **Catequética,** Herder, São Paulo, 1967, pp. 308-313. Neste apêndice, Jungmann, a partir de cujos artigos nasceria o movimento da "teologia querigmática", — ainda que muitas vezes prolongando ou sustentando opiniões diferentes das do autor — oferece uma apresentação sucinta da problemática. Ver também D. GRASSO, **L'annonce du Salut,** Paris 1969, pp. 31-41. Falamos aqui dos teólogos católicos. De fato, no campo da teologia protestante, teríamos que remontar ao século passado para encontrar em M. Kähler as raízes de uma teologia querigmática que se prolongará durante o século XX através, sobretudo, de R. Bultmann. 8. Ver J. A. JUNGMANN, o.c. pp. 229 ss. 9. Ver A. RÉTIF, **Foi au Christ et Mission,** Paris 1953, pp. 21-26. Este livro é parte de uma tese do autor apresentada em 1948 na Universidade Gregoriana. No ano seguinte publicou um artigo no qual resume a sua teoria: A. RÉTIF, **Qu'est-ce que le Kérygme?** em: NRTh. 71 (1949) 910-922, e pelo qual, sobretudo, é conhecido. Na mesma linha: C. H. DODD, **La prédication apostolique et ses développements,** Paris 1964 (trad. francesa do original de 1936) pp. 5-37.; A. LIÈGÉ, **Le ministère de la parole: du kérygme à la catéchèse,** em: **La parole de Dieu en Jésus-Christ,** Cahiers de l'actualité religieuse, 15, Tournal 1961, pp. 170-184, espec. 175 ss. 10. Sobre este assunto ver, L. BOFF, Jesus Cristo libertador, Petrópolis 1972, pp. 13-30 e 46-53. Também: G. BORNKAMM, Jesus de Nazaré, Petrópolis 1976, pp. 13-25. 11. De fato, a maioria das vezes, o objeto do verbo é o reino de Deus (Mt 4, 23; 9, 35; 10,7; cfr. Lc 9,2; Mt 24,14; Lc 8,1), o evangelho (Mc 1,14; 13,10; 14,9; 16,15), a "palavra" (Mc 1,45); e no resto do N.T. esse "evangelho", já explicitado, é o Cristo (At 8,5) crucificado e ressuscitado (1 Cor 1,23; 15,12), Jesus ou Cristo Jesus (At 9,20; 2 Cor 1,19; 4,5L 11,4; Fil 1,15). Ver sobre este assunto: G. FRIEDRICH, art. Kerux, etc. TWNT. III (1939) 182-717; I. HERMANN, art. Pregação, em: Dicionário de Teologia, vol. 4, Ed. Loyola, 4, Ed. Loyola, S. Paulo 1970, pp. 299-304. 12. Evangelho aparece mais de 70 vezes; evangelizar umas 50. Também a distribuição é importante. Paulo e as pastorais ocupam sempre a primeiro lugar: kerysseín (18 sobre 60), kerygma (6 sobre 8), euangelion (60 sobre 70), euangelizein (21 sobre 50). Os sinóticos, que tinham descrito Jesus como o querigma em ação (kerysseín: Mc 13 veves, Mt 9, Lc 9), e por isso mesmo não falavam de um conteúdo especial ou querigma (Mc nenhuma vez; Mt uma; Lc nenhuma), agora explicitam o conteúdo: evangelho do Reino ou de Jesus Cristo (Mc 8 vezes, Mt 4, Lc nenhuma, mas nos Atos 2 vezes). O verbo evangelizar designa, de preferência, a atividade dos apóstolos; por isso se concentra em Paulo e nas pastorais (21), nos Atos (15) e em Lucas (10); Mc nenhuma vez e Mt uma. Nenhum dos 4 termos se encontra nos escritos joaninos (com exceção de kerysseín em Apoc 5,2). João prefere o termo "martyrein". Mais do que arauto ou mensageiro que traz a notícia do que está acontecendo, Jesus é a **testemunha** (Jo 3,11; 5,36; cfr. 5,31-34; 8,13-14.18); os discípulos, como João Batista, devem, por sua vez, serem testemunhas do que já aconteceu (1 Jo 1,1s; Jo 15, 27; 19,35; 21, 24; 1, 7.19). Sobre este tema ver: G. FRIEDRICH, art. Euangelizomai, etc. TWNT. II (1960) 705-735; Vocabulário de Teologia Bíblica (X. Léon-Dufour), art. Evangelho e Pregar; F. MUSSNER, **"Evangelium",** em: **Gott in Welt** (Festgabe für K. Rahner), I, Freiburg 1964, pp. 492-514. 13. Ver F. MUSSNER, o.c. pp. 493-502. 14. Ver K. RAHNER-K. LEHMANN, **Querigma e dogma,** em: Mysteirum Salutis I/3 pp. 119-134, espec. 125 ss. (aqui p. 133 s.). 15. Cfr. Ibid. p. 127. 16. Ver como age ainda esta mentalidade na definição que dá um autor credenciado como J. A. JUNGMANN, o.c. p. 15. 17. Ver H. W. BEYER, art. Katecheo, TWNT. III (1938) 638-640. Ver também art. Catequesis, etc. em: Sacramentum Mundi, Barcelona 1972, vol. I, col. 683-692. Em At 21, 21.24 significa simplesmen-

te "saber alguma coisa pelos rumores, pelo que se ouviu dizer." As outras 6 vezes pode ser traduzido por "instruir de viva voz", ensinar (Gál 6,6: ensinamento da palavra; Rom 2,18, contexto de 2,17-21: instruído na Lei ou pela Lei; 1 Cor 14,19, para instruir aos outros; At 18,25: informado do "caminho"; Lc 1,4: ensinamentos recebidos), ainda que Gál 6,6, pelo objeto técnico do verbo (a "palavra") pudesse indicar uma instrução na doutrina cristã. O mesmo valeria, pelo contexto, para 1 Cor 14,19. 18. Ver A. TURCK, **Catéchein et Catéchésis chez les premiers Pères,** em: Rev. Sc. Ph. Th. 47 (1963) 361-372. 19. Uma exposição sucinta da história da catequese se pode encontrar em J. A. JUNGMANN, o.c. pp. 18-50. Estas etapas, sobretudo as duas últimas, assim como o influxo do movimento catequético europeu, valem também — com os devidos matizes e com um certo atraso na implantação — para a história da catequese no Brasil. 20. Segundo S. Agostinho, no "De catechizandis rudibus", a catequese deve ser "narração" (história salvífica) desenvolvida num clima de aleggria (hilaritas). Cfr. J. A. JUNGMANN, o.c. p. 20. Quanto à formação moral, ela era um **pressupos'o.** O "exame" sobre a profissão, condições de vida, etc. do candidato podiam durar três anos. Essa práxis não poderia iluminar o moralismo no qual tem caído a nossa fé? O **estilo cristão** (com todas as suas exigências) ,é diferente e pressupõe a "moral natural". 21 No fim da Idade Média proliferam os livros penitenciais, precursores do catecismo, nos quais predomina a explicação dos **mandamentos** e uma instrução baseada em perguntas (sobre a fé) e exames (sobre pecados) para a confissão anual. Cfr. J. A. JUNGMANN, o.c. p. 26 ss. 22. A relação entre catecumenato e catequese é essencial: quando desaparece a primeiro a catequese cede lugar aos catecismos. Na medida em que a **organização** eclesial se estende a todas as manifestações da socledade cresce a confiança na força educadora das instituições. Quando desaparece o catecumenato, espera-se que a instrução dos neófitos seja completada na vida da comunidade intensamente organizada pela Igreja. 23. Título do livro de A. M. HENRY, **Simone de Beauvoir ou l'échec d'une chrétienté**, Paris 1961, que poderia ilustrar o itinerário da fé à incredulidade de tantos católicos cuja fé infantil e racionalista não suportou o confronto com o humanismo moderno de um mundo esquizofrênico. 24. Como exemplo da casuística de todas estas distinções e subdistinções, ver: D. GRASSO, o.c. pp. 345-366. O próprio autor separa os 3 momentos: ibid. pp. 329-343. 25. Cfr. supra p. 2. O documento papal, embora tomando certas posições, deixa o campo aberto para ulteriores reflexões sem impor a sua posição a respeito de pontos deixados em suspense pelo Sínodo. Apesar de tudo, o caráter de tratado doutrinal e dedutivo lhe faz perder muito daquela energia e urgência próprias da perspectiva indutiva do Sínodo. Por trás das metodologias, contudo, há concepções teológicas que mereceriam uma discussão (conceito de revelação, tradição, fundamentação pneumatológica e cristológica da relação com o mundo, etc.). 26. Ver J. B. LIBÂNIO, **Extra Ecclesiam Nulla Salus,** em: Perspectiva Teológica, n. 8 (1973) pp. 21-49. 27. Sobre este assunto ver M. de CERTEAU — J. M. DOMENACH, **Le Christianisme éclaté,** Paris 1974, e a recensão de H. C. Lima Vaz em: Síntese n. 3 (1975) 125-130.

●

O Sínodo, como uma espécie de senado eclesial em exercício concreto de colegialidade efetiva, foi criado por Paulo VI no dia 15 de setembro de 1965 durante a última sessão do Concílio Vaticano II.

ESPAÇO DO REDATOR

A juventude manifesta
vivificante vontade de participar
e um desejo apaixonado
de compreender

Pe. Marcos de Lima, SDB
Redator-Responsável

Catequese, Juventude, Meios de Comunicação Social

Entre os problemas que desafiam a Catequese no contexto do mundo contemporâneo, destaca-se este: os **meios de comunicação social** e os **modelos de comportamento** forjados pelas idéias que difundem. As idéias e mensagens aliciantes revelam obsessiva preocupação de vendagem. O **maior consumidor,** bastante afoito, crítico e paradoxal, destes modelos é o jovem, exposto e sensível como é ao permanente enfoque dos **media.** Acresce que os veículos eletrônicos ignoram as barreiras nacionais e, no atropelo visual, interpõem informações e conhecimentos acima da capacidade de crítica e de assimilação.

A **importância do jovem** é um dado inconteste hoje na sociedade. Cada dia mais numerosos. Por isso, sua presença cada vez mais crescente. Dimensão constante da psicologia desta idade: a angústia e a insatisfação, que não se confundem com rebeldia e sugerem algo mais para além dos valores e desvalores da sociedade de consumo. Às vezes, quando analiso estas duas faces de um mesmo desafio, sou tentado a concluir: está nascendo uma sociedade nova com esboços claros de sua aproximação.

Entre os **indícios** detectáveis desta **sociedade nova** consigo entrever: a insistência na auto-determinação; outros indicadores de **status** social com predominância de qualidade da vida sobre a riqueza e o fausto; o surgimento de uma ética ecológica; a aspiração de controle do bem comum nas decisões econômicas; certa decepção do sucesso tecnológico pela sua responsabilidade nos problemas contemporâneos; a oposição ao sistema industrial desligado dos princípios morais; o crescente interesse pela religião, especialmente cultos exóticos.

Aliás este último indício é um tanto paradoxal e tão distante do que se busca quanto o poente da aurora. Talvez esta mórbida curiosidade em torno destes fenômenos possa ser uma conseqüência natural e previsível até de uma evolução cultural que pretendeu basear-se apenas em um aspecto da constituição humana — o seu lado racional, volitivo e consciente — deixando na sombra, selvático e abandonado, o lado irracional ou supra-racional, que outras civilizações canalizaram para a experiência religiosa. Mas este é outro assunto.

Uma catequese e uma evangelização inteligentes têm que acionar esta **importante força pastoral**: o jovem. Para isso precisa integrar todos os segmentos de nossa sociedade industrial: sindicatos, inteligência nacional, empresários, etc. Isolados, são frágeis. Integrados e exercitando suas características de complementariedade, tornam-se fortes e imbatíveis. A racionalidade e o êxito de algum detalhe não equivalem necessariamente à harmonia do conjunto e podem significar até discriminação. O indispensável é incorporar todos num programa. Contextar-se globalmente pelos marcos do tempo, pelas linhas do espaço e pelas referências da história é construir expectativas de união que multiplicam as opções e otimizam a capacidade de decisão e de acerto. É ter senso de perenidade.

O objetivo de um projeto assim é tornar disponível à eficácia do Evangelho a eficiência dos instrumentos técnicos e eletrônicos atuais.

Uma pergunta para Você responder para mim: O que fazer, pessoal e comunitariamente, para envolver o jovem na pastoral? A juventude manifesta vivificante vontade de participar e um desejo apaixonado de compreender.

Uma experiência de catequese familial na Diocese de Palmas, PR

Os últimos quatro números de CONVERGÊNCIA de 1977 — setembro, outubro, novembro e dezembro — são dedicados ao tema: **Catequese.** As coisas precisam começar a acontecer. Aqui já está acontecendo. Se há riscos a correr, há igualmente objetivos certos a visar em experiências como esta, cuja descrição me enviou o **Pe. Alfonso de Nijs, MSC,** Provincial dos Missionários do Sagrado Coração e um dos Diretores Nacionais da CRB. Há momentos — como dizem os japoneses — em que se deve caminhar para trás na direção certa. É a maneira sábia de retificar rumos e identificar destinos. O importante é não ficar parado no mesmo lugar enquanto o cenário muda ao redor. Pela descrição, a experiência de Palmas sugere maturidade, resultado de constante revisão e avaliação crítica com senso de lealdade.

O informe recebido

"O profeta e inspirador desta experiência foi o Padre José Caekelbergh, Missionário do Sagrado Coração. Ele trabalhava no interior do

uma vasta paróquia, visitando 50 capelas. Sentia no seu trabalho pastoral que pouco atingia o povo em maioria vindo de Rio Grande de Sul e Santa Catarina. Questionava o método de catequese que reunia todas as crianças de diversas idades e dava catequese no sistema do pequeno catecismo, preocupado quase exclusivamente com a reta doutrinação e que pouco explicava a fé, satisfeito com a memorização de respostas, ensinando fórmulas e expressões não intelegíveis para as crianças. Este método pouco contribuía para levar as crianças a viver a sua fé, por ser alheio a vida da criança.

"Pe. José convidou dois rapazes para formar com ele uma equipe, e partindo da idéia que os pais são os primeiros educadores na fé de seus filhos, começou fazer em toda parte reuniões com os pais por núcleo e responsabilizar os próprios pais para a catequese. Em cada núcleo, em cada linha, em cada lugar, em cada vizinhança, se procurou homens, senhoras e moças para ser catequista das crianças destes núcleos. Formavam-se grupinhos de crianças até no máximo 15, que se reuniam uma vez por semana na casa de uma família do núcleo recebendo uma aula de catequese do catequista.

"Logo surgiu a necessidade de preparar estes catequistas para esta tarefa e no ano 1967 iniciaram-se os primeiros cursos para os catequistas, que se reuniam durante uma semana para se capacitar. Também precisava elaborar o material necessário para assessorar todos estes catequistas e criou-se um grupo de pessoas, formados por leigos, catequistas, religiosos e padres, para elaborar todo este material. Quem visitar hoje o centro de Assessoar (As-Assistência Rural) em Francisco Beltrão, pode verificar o arsenal de edições e livros para crianças, adolescentes, jovens e adultos, fruto de experiência de muita gente.

"Com o tempo sentia-se também a necessidade de diversidade na catequese, conforme a idade das crianças, o meio rural e urbano, a fase antes e depois da primeira comunhão, pré-adolescente e adolescente, preparação para a crisma e ingresso nos grupos de jovens.

"A experiência da Assessoar se firmou e se espalhou por todo o Sul de Paraná com a presença de contribuição de leigos e padres que trabalharam muito tempo ligados à realidade do povo, como os padres Angelo Perin, Claudino e Natalício Weschenfelder, e um grande número de leigos e religiosos.

"As idéias básicas deste método, são: uma catequese que parte da vida real do povo, da realidade em que todos vivem, iluminada pela luz do Evangelho e o compromisso assumido pelos próprios catequistas. Nos encontros e cursos se dá sempre um tempo para ouvir e sentir as experiências vividas. Este intercâmbio ajuda muito para sempre partir da realidade e não se perder em considerações alheias.

"Hoje há 3.000 catequistas engajados na pastoral da catequese familial. Além da catequese muito mais aprofundada, os catequistas crescem também na vivência da fé, porque é dando que se recebe".

Pe. Alfonso de Nijs, MSC

Principais documentos sobre a Vida Religiosa

Todos se lembram que em 1976, a Conferência dos Religiosos do Brasil realizou um **Seminário de Atualização Jurídico-Canônica** em âmbito nacional. Visto à distância hoje, com mais fundamento posso afirmar seu pleno êxito. Um dos explicitadores e conferencistas do Seminário foi o **Pe. Jesus Hortal, SJ.** Recebi dele uma relação completa de todos os documentos oficiais desta área, em ordem cronológica (1964-1974), com uma síntese do conteúdo de cada um. São volumes indispensáveis na estante de todo Superior Maior, Mestre ou Formador. Mesmo se Você, Leitor, não se posiciona nestas funções, só vai ter a ganhar com esta informação sistemática e conseqüente que passa a ler.

Não compete só aos Superiores Maiores ajuizarem sozinhos o que melhor convém à formação. Todo religioso deve ultrapassar o estágio de simples testemunha para se fazer inquieto observador. Você sabe: a vida religiosa e a formação são instrumentos tocados a muitas mãos. Você também é formador, e formador fiel a princípios e leal à Congregação e às pessoas. A edificação evangélica e humana de uma Congregação ou Província implica uma longa jornada de contribuições de todos, orientados por uma noção de responsabilidade comum, pública e eclesial.

CONVERGÊNCIA agradece a informação e o serviço prestado aos seus Leitores.

Eis a relação

1.Rescrito **CUM ADMOTAE,** de 6/11/64, dando certas faculdades aos Superiores Gerais das religiões clericais de direito pontifício e aos Abades presidentes das congregações monásticas.

a) Celebração da missa a qualquer hora do dia. b) Celebração da missa pelos doentes que não podem ler. c) Celebração da missa pelos cegos. d) Celebração da missa fora de lugar sagrado. e) Celebração da missa sentado. f) Dispensa do impedimento de idade (até seis meses) para as ordens. g) Dispensa do impedimento dos filhos de acatólicos para as ordens. h) Dispensa dos impedimentos de adesão a seita acatólica e ilegitimidade de nascimento para entrar na religião. i) Dispensa das irregularidades por defeito ou por delito, em ordem à celebração da missa já ordenados. j) Alienação dos bens do Instituto. k) Licença para ler e reter livros proibidos. l) Concessão de demissórias aos ordenados. m) Jurisdição para ouvir confissões. n) Atos de jurisdição para o regime interno. o) Indulto de secularização para os súditos de votos temporais. p) Licença para viver fora da comunidade. q) Renúncia aos bens pelos religiosos de votos simples perpétuos. r) Licença para mudar testamento. s) Licença para transferência do noviciado. t) Permissão para um terceiro triênio dos superiores locais.

2.Constituição **LUMEN GENTIUM,** do Concílio Vaticano II, de 21/11/64, sobretudo os capítulos 6 e 5.

3.Decreto **PERFECTAE CARITATIS,** sobre a renovação da vida religiosa, do Concílio Vaticano II, de 28/10/65.

4.Motu Proprio **ECCLESIAE SANCTAE,** de 6/8/66, sobre a aplicação de quatro decretos conciliares.

a) Primeira parte: normas para aplicar os decretos Christus Dominus e Presbyterorum Ordinis: autonomia e sujeição dos institutos religiosos em face dos Ordinários de lugar, nn. 22-40. b) Segunda parte: normas para aplicar o decreto Perfectae Caritatis: Modo de promover a adequada renovação da vida religiosa (nn.1-19). Realidades que se devem adaptar e renovar na vida religiosa (nn.20-44).

5.Decreto **RELIGIONUM LAICALIUM,** de 31/5/66, concedendo certas faculdades aos superiores maiores das religiões laicais.

a) Dispensa de candidatos do impedimento de ilegitimidade. b) Alienação de bens do instituto. c) Licença para morar fora da comunidade. d) Licença para os súditos de votos simples perpétuos renunciarem aos seus bens. e) Licença para mudar testamento. f) Licença para transferir o noviciado. g) Licença para um terceiro triênio superiores locais.

6.Instrução **RENOVATIONIS CAUSAM,** de 6/11/68. Revisão de toda a legislação concernente ao noviciado, com a possibilidade de introduzir Promessas. Cada instituto deverá ter o seu programa de formação baseado nesta instrução, com a aprovação do seu capítulo geral.

7.Instrução **VENITE SEORSUM,** de 15/8/69, reorganizando toda a matéria referente à clausura papal das monjas e à vida contemplativa.

8 Decreto **CLERICALIA INSTITUTA,** de 27/11/69, sobre a forma como podem os membros leigos dos institutos clericais participar no governo dos mesmos.

9.Decreto **CUM SUPERIORES GENERALES,** de 27/11/66, concedendo aos Superiores Gerais das religiões laicais de direito pontifício a faculdade de demitir os seus súditos de votos temporários, cessando os votos.

10. Novo rito da profissão religiosa, publicado pela Sagrada Congregação para o Culto Divino aos 2/2/70.

11. Novo rito da consagração das virgens, publicado pela Sagrada Congregação para o Culto Divino aos 31/5/70.

12. Decreto **AD INSTITUENDA,** de 4 de junho de 1970, concedendo algumas faculdades aos religiosos.

a) Unicamente a primeira divisão ou a supressão total das províncias fica reservada à Santa Sé. b) Supressão da aprovação pontifícia para a ereção ou supressão de casas de institutos isentos. c) Menores exigências para os cargos de Superior Geral, Superior Maior e Mestre de Noviços. d) As testemunhas não são requeridas para os candidatos. e) Duração do tempo do retiro dos candidatos e dos noviços. f) Testamento antes da profissão perpétua, em lugar da temporal. g) Suspensão do exame canônico da vontade das religiosas. h) Saídas de casa sem companheira.

13. Declaração **CLAUSURAM PAPALEM,** de 4/6/70, sobre a mitigação da clausura dos regulares.

14. Rito da bênção do Abade e da Abadessa, publicado pela Sagrada Congregação para o Culto Divino, aos 9/11/70.

15. Decreto **DUM CANONICARUM LEGUM,** de 8/12/70. a) Normas para os religiosos sobre o sacramento da penitência. b) Recusa de admitir à renovação dos votos temporários, ou à profissão perpétua, por causa de enfermidade.

16. Exortação Apostólica de Paulo VI **EVANGELICA TESTIFICATIO:** 29/6/71.

17. Decreto **EXPERIMENTA CIRCA,** de 2/2/72, sobre a necessidade da autoridade pessoal do superior, sem prejuízo da prática da consulta legítima.

18. Circular de 22/1/72 (ou 25/2/72) sobre o uso do hábito religioso.

19. Circular de 25/1/74 sobre o subsídio que se deve dar aos religiosos que abandonam o instituto.

20. Decreto **PROCESSUS JUDICIALIS**, 2/3/74, sobre a demissão de religiosos que emitiram votos perpétuos nas religiões clericais isentas.

Os "Motu Proprios" são documentos assinados pessoalmente pelo Papa. As Instruções, Decretos, Declarações e Circulares, quando não se indica o contrário, são da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares.

PROFISSIONALIZAÇÃO. ENGAJAMENTO

CONVERGÊNCIA já publicou vários trabalhos a respeito. Os Institutos religiosos não podem interpretar-se nem desenvolver-se como feudos isolados, preocupados na defesa de seus redutos, mas como membros do Corpo de Cristo, em sintonia com as necessidades e preocupações da Igreja em seu conjunto. Isto permitirá que as finalidades e ações específicas se estabeleçam num amplo panorama e verdadeiramente se legitimem e tenham um real sentido eclesial.

É racionalmente claro que tudo isto gera insegurança, pois, as mudanças dentro da vida religiosa, a queda de muitas estruturas protetoras, a espiritualidade de encarnação e de compromisso trazida pelo Concílio, o clamor profético do episcopado latino-americano em Medellín e sobretudo, a nova situação social, política, cultural e religiosa da América Latina e do Brasil, deixaram a nós Religiosos sem pontos adequados de referência em que nos apoiar.

Profissionalização, Engajamento, Inserção não podem significar uma filosofia de vida no-mundo-pelo-mundo. Desfrutar integralmente o presente, sem olhar para o futuro. Mas é muito verdade: Somente aquele que tem capacidade para valorizar e amar o mundo, como obra de Deus e cenário da história da salvação, poderá compreender e viver a fundo o sentido de sua oferenda total na vida religiosa, quando inserida nas realidades terrestres. Os acontecimentos em suas dimensões de tempo, lugar e pessoas, são vistos em seu aspecto positivo, em seu fulgor de esperança, como desafio que convida a assumir objetiva, crítica e criativamente a realização do próprio projeto religioso.

AS FUNÇÕES DA CATEQUESE NO NOVO TESTAMENTO E HOJE

Pe. Johan Konings

Como na literatura teológica dificilmente se encontram estudos aprofundados sobre a catequese na Igreja primeva e não tivemos a possibilidade de efetuar tal estudo por conta própria, limitaremos o assunto deste artigo a algumas considerações sobre a evolução da função da catequese que à primeira vista transparece nos escritos do Novo Testamento.

Previamente, porém, é mister eliminar algumas ambigüidades. Embora seja preciso distinguir entre o "querigma" como anúncio da Boa Nova e a "catequese" como ampliação (**katêcheô,** cf. o "eco") e aprofundamento didático do mesmo, destinando-se o primeiro a todos que quiserem ouvir, a segunda aos que se preparam à profissão da fé, devemos estar conscientes de que esta distinção não foi feita pelos autores do Novo Testamento. Na realidade, ela existia, e temos traços disto na distinção paulina entre as diversas funções na Igreja (1 Cor 12). Mas no caso dos evangelhos, por exemplo, os autores não distinguiram, nem sequer para si mesmos, se tal e tal trecho era destinado a fins querigmáticos ou então catequéticos. Houve um tempo em que se insistia no caráter querigmático dos evangelhos, ou pelo menos das tradições neles contidas. Ora, essa opinião é unilateral. O próprio colecionamento de dados tradicionais — o querigma da ressurreição, as narrações sobre Jesus de Nazaré e as suas palavras e ensinamentos — parece ter-se efetuado numa mentalidade catequética, ou seja, de ensino da fé. Teríamos portanto, sobretudo nos evangelhos, uma absorção do querigma pela catequese. Mas também não convém chamar tudo de catequese. Catequese é ensino explícito da fé. A exortação ou parenese já não é, embora possa se alimentar dos elementos da catequese. O simples exemplo de vida cristã ou a celebração litúrgica podem ensinar algo,

mas não são catequese propriamente, e uma das razões de que as nossas igrejas se esvaziam enquanto os terreiros se enchem poderia ser uma liturgia que explica e racionaliza demais, em vez de celebrar o mistério e a comunhão de Cristo. O que, por sua vez, é um reflexo de um tipo de catequese unilateral, que não ensinava a celebrar e sim a "observar" prescrições rituais, de modo que a reforma litúrgica resultou muitas vezes em preencher a falta de celebração por um excesso de ensino, ou até de endoutrinamento. Mas isto já é um parêntese. Só queremos dizer que é preciso estar atento ao caráter sumamente catequético dos principais escritos do Novo Testamento, sem porém fazer catequese de tudo.

●

Ora, nos evangelhos sinóticos encontramos alguns traços de situações tipicamente catequéticas. São os textos onde Jesus toma os discípulos à parte para lhes explicar o sentido das parábolas (Mc 4,10 par e 7,17 par). Esses textos até escandalizam o leitor moderno, porque parece que Jesus discrimina uma grande parte do seu público. Ora, esta certamente não era sua intenção nem a do evangelista. Antes, na necessária concisão literária do livrinho de Mc, este "esquema" serve para expressar uma dupla realidade: a da preparação explícita dos Doze por Jesus, e a de um aprofundamento necessário no "mistério" do Reino de Deus (Mc 4,11). Combinação que faz do discipulado dos Doze o modelo da catequese do cristão.

Já no evangelho de Mateus a forma catequética é muito mais ampla e determina, por exemplo, o conjunto literário conhecido como o "Sermão da Montanha". Aí o autor se serve de um outro dado da vida de Jesus para revestir literariamente algo que parece um pequeno catecismo. Aqui é a pregação à multidão que fornece o quadro para um modelo catequético, que — como confirma o uso do mesmo em Lc 6,17ss — tem uma origem mais antiga que o evangelho de Mt. Sobretudo na forma mateana (Mt 4,24—7,28) surpreende a amplidão do ensino dado às massas, incluindo até mesmo a oração dominical, que em Lc é reservada a uma iniciação mais restrita (Mt 6,7-13; cf. Lc 11,1-4). Aliás, Mt está bem cônscio da ousadia desta ampliação, pois inclui a advertência de não jogar as pérolas aos porcos (Mt 7,6).

●

Um outro tipo de situação catequética é aquela sugerida pela perícopa do Mandamento Máximo em Lucas. Lucas tirou essa passagem da coleção de 'disputas' a que pertence nos evangelhos de Mc e Mt (Mc 12,28ss, cf. Mt 22,34ss). Já não a coloca na situação de discussão com o judaísmo (como nos capítulos 11-12 de Mc), mas, como se trata de um ensinamento fundamental para o cristão, apresenta-a como uma interpelação por um legista candidato à fé, numa situação caracterizada pelo ambiente do discipulado (Lc 10,25ss, depois de .... 10,17124!). A presença — acentuada por Lc — do vocativo "mestre"

na forma tradicional da narrativa (Lc 10,25; cf. Mc 12,32 e Mt 22,36) pode ter facilitado a reinterpretação lucana. Ora, exatamente como nas parábolas do capítulo 4 de Mc, o "catequético" consiste aqui na explicação de uma palavra de Jesus, embora aqui a própria explicação seja dada em forma de parábola: a parábola do Bom Samaritano, acrescentada por Lucas à perícopa do Mandamento Supremo (Lc 10,29ss, sem paralelos em Mt/Mc).

●

Poderíamos multiplicar os exemplos tirados dos evangelhos sinóticos, mas é preciso também olhar os outros escritos do Novo Testamento. Interessantes parecem-me os casos onde São Paulo utiliza fórmulas tradicionais ou querigmáticas no sentido estrito, para ensinar aos Coríntios, que já receberam a fé, o que esta fé implica. Em 1 Cor 15 Paulo se serve de uma fórmula provavelmente querigmática — isto é, servindo para a pregação primeira do evento de Jesus Cristo ressuscitado — para fundamentar a fé na ressurreição. Em 1 Cor 11 uma tradição litúrgica lhe serve de dado fundamental para uma explicação sobre o espírito de reunião cristã. Um pároco moderno diria: "Não vos lembrais daquilo que aprendestes no catecismo?".

●

Outra situação catequética transparece no livro dos Atos: o caso de Apolo, "propagandista" de Jesus, que, porém, precisou de um esclarecimento mais metódico antes de poder ser considerado como pregador legitimado. Foi o casal Áquila e Priscila que lhe ministrou tal instrução. Conforme a apresentação de Lucas, Apolo não teria ainda o batismo cristão, mas somente o de João. Isto é um tanto suspeito, historicamente, se Apolo tinha sido informado do Caminho do Senhor e o pregava com vigor, como Lucas diz anteriormente (At 18,25). Mas o que importa aqui é notar que para Lucas é impensável alguém ter uma missão cristã verdadeira sem receber uma instrução aprofundada a respeito de Cristo.

●

O texto de At 18 nos coloca no ambiente da "catequese por excelência", a catequese batismal ou de iniciação cristã. Mas o que já dissemos mostra que, de toda maneira, esta não é a única que existiu na Igreja primeva. Contudo, entende-se que a iniciação é a situação catequética privilegiada, que prepara a confissão de fé no batismo, pela qual o discípulo se entrega a um novo modo de existir, "veste o homem novo" (Gál 3,27; Ef 4,24), "co-ressuscita com Cristo" (Col 2,12; 3,1), etc. Exemplo típico desta catequese encontramos na 1ª Carta de Pedro, toda ela arraigada na tradição catequética da primitiva Igreja, mas com um acento específico nos temas batismais (sobretudo 2,1-10).

●

Mas queremos consagrar nossa atenção sobretudo ao evangelho de João. Com efeito, a presença de verdadeiros discursos na boca de Jesus, discursos praticamente incompreensíveis para o público que a gente se imagina a partir da figura

sinótica de Jesus pregando às multidões, distingue este evangelho dos anteriores. Os comentadores críticos estão de acordo em dizer que, quanto à forma e ao linguajar, esses discursos não refletem tanto a pregação histórica de Jesus mas a explicitação da sua mensagem e vida ao fim de um longo período de interpretação e reflexão (pelo evangelista e sua comunidade). Ora, o teor próprio desta reflexão e interpretação nos parece em grande parte catequético.

O primeiro exemplo é o diálogo com Nicodemos (Jo 3). Como na 1ª Carta de Pedro, o pano de fundo da catequese aí proporcionada é o batismo. O mesmo pode-se dizer, provavelmente, do episódio com a Samaritana, em Jo 4. A "água viva", embora um símbolo bíblico tradicional, evoca a água do batismo cristão. Contudo, há algo que distingue esses textos dos de 1 Pdr, por exemplo. Em João, os interlocutores de Jesus não entendem o que ele está falando. Reencontramos aqui o motivo da incompreensão que também nos Sinóticos motivou as catequeses explícitas de Jesus (Mc 4,10ss). Só que em Jo este motivo é melhor aproveitado dramaticamente. Parece que Jo aqui aplica à catequese bastimal o que, em Mc 4 e 7, foi sugerido a respeito das parábolas: que os que "estão fora" não podem entender. É preciso uma iniciação. Mais: em ambos os casos trata-se de entender o "Reino de Deus..." Mc 4,11 fala de conhecer o "mistério" do Reino de Deus, termo que projeta nesse dito de Jesus o linguajar catequético da comunidade; e Jo 3,5 é o único lugar onde Jesus utiliza o termo Reino de Deus. Notamos, pois, uma mudança de acento: enquanto em Mc a iniciação no Reino de Deus é o entendimento da palavra de Jesus, em João, sem deixar de ser isso, ela implica também a catequese sacramental, pelo menos batismal.

●

Seria contudo suspeitar aí em João um sacramentalismo. Sacramentalismo é colocar os sacramentos como centro da vida cristã. Isso, João não o faz. O centro da vida cristã para ele é só o Cristo. Mas a vida cristã, no seu tempo, já é fortemente marcada pelos sacramentos, e a catequese é fazer entender seu sentido cristológico e cristocêntrico. Isso vale não só do batismo, mas também da eucaristia. Depois de ter explicado o mistério do "pão descido do céu" é o Filho do Homem revelador do Pai, João conclui o discurso do cap. 6 com uma referência bastante explícita à eucaristia: nela se recebe aquele que é o pão do céu. João utiliza intencionalmente uma terminologia de comer e beber, pois é isso mesmo que se faz na eucaristia. Mas visa a decisão de fé que este gesto traduz, decisão na qual este pão do céu é assumido e acolhido.

●

João 9 nos conduz mais um passo para frente. Novamente, a alusão ao batismo é bastante evidente: o tema da luz (9,35) — o batismo, na antigüidade, é chamado às vezes "iluminação" — e o lavar-se no Siloé (— no "enviado"), como expli-

ca com insistência Jo 9,7, colocam o batismo presente no pano de fundo de todo este capítulo. Ora, Jo 9 descreve, de maneira dramatúrgica, a profissão de fé frente à incredulidade do mundo. A presença, em filigrana, do motivo do batismo significa que o batismo não é outra coisa que esta profissão de fé. Mas a profissão de fé não se limita ao batismo. Em 9,22, Jo faz uma alusão (aliás, um anacronismo na narração) à situação de perseguição dos cristãos na Sinagoga no fim do 1º século dC (cf. também 12,42). Ora, é esta a situação "crucial" da profissão de fé, o testemunho (a **martyria,** como se diz em grego). Para este testemunho é dado o Espírito (Jo 16,8-11), dom principal também da iniciação cristã (batismo e imposição das mãos).

Sobretudo os discursos de despedida de Jesus (Jo 16-17) são marcados pelo caráter catequético, o caráter de "ampliação" e aprofundamento da palavra de Jesus. Como em Mc, o ensino particular aos Doze (ou melhor, aos Onze) é o modelo do discipulado cristão. No fim da Oração de Jesus em Jo 17, o que Jesus pediu pelos Onze é pedido também para todos aqueles que acreditarem através da pregação deles. Cada discípulo está na situação da despedida de Jesus. Todo cristão recebe o Paráclito para um contínuo aprofundamento e confirmação de sua fé no Enviado do Pai.

Chegamos assim ao problema da finalidade e destinação do Quarto Evangelho. Em vários lugares, e especialmente no final do evangelho propriamente, Jo 20,30-31 (sendo Jo 21 um apêndice), encontramos **o hina pisteuête** característico de João: "para que acrediteis".

Discute-se para saber se João se refere aqui à conversão ou a um outro momento. Discussão estéril, ao nosso ver, porque a fé não se cristaliza num só momento. É uma realidade contínua, e talvez por isso São João emprega a forma "durativa" do verbo e não a "incoativa" ("para que chegueis a crer"), como mostra o exame dos especialistas do texto. E daí a nossa opinião a respeito da finalidade do Quarto Evangelho. Não foi escrito pura e simplesmente para converter, pois seu linguajar é incompreensível até para um fariseu culto, como mostra explicitamente Jo 3. Também não é um simples compêndio da tradição cristã para o uso dos fiéis, pois quer conduzir à fé! É um livro de iniciação à fé continuamente aprofundada, disposta a enfrentar todas as situações de profissão e testemunho, até a perseguição (9,22; 12, 42) e a divisão (Jo 6,60.66), realidades vivas da comunidade joanéia. Temos aqui um tipo de catequese um tanto diferente da de Mt e da Didaqué, que são antes, coleções daquilo que se deve saber e viver para o batismo cristão (Mt 28,20!). Em Jo encontramos uma catequese continuada, que talvez forme o elo entre o Novo Testamento e as posteriores catequeses de tipo mistagógico. É ainda a profissão da fé que forma o seu cerne, mas não tanto a adesão na hora da conversão ou a proclamação na hora do batismo. Se João se refere constantemente a estas realidades "típicas", é para sig-

nificar a profissão de fé contínua na vida do cristão. De modo que Jo fala em dois níveis ao mesmo tempo. Fala no nível da iniciação batismal, como é claro em Jo 3. Mas através deste nível afronta a realidade contínua da **decisão** de fé perante o Filho do Homem, também na vida do que já é batizado.

Daí a nossa conclusão para a Igreja hoje. Se não se deve chamar tudo de catequese, é todavia preciso fazer catequese sempre. A "ampliação" da mensagem cristã não termina nunca. Discussões sobre o momento próprio da Confirmação desconhecem às vezes isso, porque acham que a Confirmação deveria ser a conclusão de uma catequese que por causa das circunstâncias (batismo de crianças) substitui a catequese batismal. O exemplo do Quarto Evangelho mostra que tal "limitação" seria bastante artificial. A forma da catequese depende da consideração pragmática da situação do indivíduo e da comunidade cristã concreta. Não há uma receita uniforme. Há ocasiões que podem ser aproveitadas. Se, por causa da idade, o batismo geralmente não é ocasião de catequese, a primeira comunhão o será, a Confirmação o será também (e para melhor aproveitar será bom espaçar um pouco estes dois momentos); o matrimônio e as doenças da velhice o serão também... O importante não é o momento (embora seja importante aproveitar o momento), mas o espírito da catequese. Deve ser o Espírito de Cristo, que recorde tudo para que o discípulo seja um verdadeiro "fiel", disposto à profissão da fé em qualquer circunstância. Numa tradição onde a "entrada na Igreja" é automática, a permanência é que se torna problemática, e a catequese levará o cristão a continuamente procurar a "glória" de Deus em Jesus Cristo, e não a dos homens (Jo 12, 42-43). Ora, esta profissão de fé não é necessariamente uma proclamação exterior, facilmente desvirtuada por um fanatismo um tanto histérico, mas é a inabalável adesão interior, a contínua **decisão** de ver só em Jesus "meu Senhor e meu Deus" (Jo 20,28).

Uma última consideração. A catequese como contínua conscientização da vocação cristã e aprofundamento de seu conteúdo na realidade existencial de cada um, será necessariamente multiforme. Contudo, precisará de união. Ora, que esta união consista não na uniformidade de um caderno ou de um método, mas na união de todos os que se se amam como o Enviado do Pai os amou. "Permanecei no meu amor... Assim o mundo saberá que sois meus discípulos" (Jo 15,9-10; 13, 34-35).

●

◆ São 699 os Superiores Maiores registrados no **Anuário Católico do Brasil.** Deste total, 438 estiveram presentes à XI Assembléia Geral da CRB. Isto significa 62,66%.

CATEQUESE E LIBERTAÇÃO

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

I — A atividade catequética sempre foi importante para a vida da Igreja. Desde seus primórdios a Igreja se ocupou do aprofundamento da fé dos que se convertiam a Jesus Cristo Senhor. O ministério da palavra descrito nos Atos dos Apóstolos nos mostra uma atividade antes de tudo querigmática ou evangelizadora. Os apóstolos anunciavam Jesus como absoluto de Deus. Os judeus o haviam condenado à morte, mas ele ressuscitou e sua vida instaura uma nova ordem de coisas. Cabe aos homens optar por ele através da conversão. Ao lado dessa atividade querigmática, os escritos do Novo Testamento dão a entender que os primeiros convertidos permaneciam fiéis ao ensinamento dos apóstolos (At 2,42). Esse ensinamento não era apenas um primeiro anúncio da boa nova, mas também (e principalmente) um aprofundamento de ordem catequética. Os quatro evangelhos, em sua feição atual, são também em sua maior parte fruto da catequese dos apóstolos e dos discípulos.

A catequese vai aparecer como uma instituição mais estruturada na época do catecumenato. Os convertidos, desejosos de viver a vida cristã intensamente, pela recepção dos sacramentos do batismo e da eucaristia, aprofundavam seus conhecimentos e se preparavam para testemunhar a fé cristã diante de um mundo hostil.

II — A atividade catequética se situa no próprio interior da Igreja. Depois da época constantiniana a Igreja passou de dominada e perseguida a senhora da situação. Com a generalização do batismo de crianças e a adesão das multidões, a catequese tornou-se literalmente uma instituição preservadora e esclarecedora da fé. Quando da Reforma protestante, essa mesma catequese ficou marcada pelo empenho de combater certos erros saídos da reação iniciada por Lutero. Depois do Concílio de Trento vemos aparecer inúmeros catecismos destinados mais aos vigários e catequetas do que ao povo. Serão esses os responsáveis pelo aprofundamento da fé cristã. Aos poucos foi-se propagando em

muitas regiões o catecismo clássico de perguntas e respostas. Esse precioso livrinho correspondia a uma época em que se acreditava numa certa estabilidade do mundo. Dentro de um universo cristão (ou católico), numa época em que a fé se transmitia juntamente com as heranças culturais, num momento em que a família praticava a religião, esse livrinho parecia elemento suficiente para uma compreensão da fé cristã. Num mundo em que as mudanças não se faziam sentir com a vertigem de nossos dias e no qual a fé cristã não encontrava muitos opositores, a Igreja se limitava a ilustrar a mente dos fiéis sem descurar a vida cristã dos m e s m o s. Transparecia sobretudo nesse período (que vai, talvez, até a década de 40) um cuidado de fazer catequese em vista do conhecimento de verdades reveladas.

III — Nos últimos anos a atividade catequética da Igreja foi profundamente questionada. Em muitos países tornou-se tarefa ingrata. Seria longo examinar todas as razões dessa situação. Por detrás do atual mal-estar no campo da catequese está sem dúvida uma nova compreensão que se passou a ter da Igreja. Os desequilíbrios eclesiológicos exigiam novos enfoques. Nasceu no mundo inteiro uma convicção: a Igreja não pode ser apenas o clero, os membros da hierarquia. O Vaticano II chamou atenção para elementos fundamentais presentes na Igreja dos primeiros séculos, que foram deixados de lado por formulações eclesiológicas posteriores. A Igreja se percebe minoria num grande mundo. Ela não pode ditar normas rígidas e enunciar princípios para todos, pois os cristãos se tornaram minoria. Nasceu então uma profunda consciência de que as fronteiras entre Igreja e mundo precisariam ser reexaminadas. Há um grande mal-estar no que se refere à pertença à Igreja. Muitos sentem-se ligados sociologicamente à Igreja, mas de fato não pertencem efetivamente a ela. As concretizações da vida da Igreja (paróquia, catequese, sacramentos, etc.) são questionadas. Até que ponto a Igreja se torna presente entre os homens através desses canais? Homens de pastoral e agentes de catequese mais lúcidos são unânimes em reconhecer que a Igreja precisa rever sua maneira de ser e enriquecer sua teologia com elementos deixados na s o m b r a (pneumatologia, valorização de todos os membros, revisão do binômio Igreja/mundo, etc.). A transmissão da fé não pode ser apenas transmissão de conhecimentos mais ou menos atualizados, nem pode se satisfazer com as maneiras clássicas de atingir os fiéis (sacramentos, aulas de catecismo, etc.). Reage-se fortemente contra um cristianismo sociológico. O que fazer? Como transmitir hoje a fé? Quais os "lugares" onde a catequese poderá continuar a ser feita?

IV — Acrescentemos a tudo isso o fato de que em ambiente católico, nos últimos anos, procurou-se levar mais em conta o destinatário da catequese. Recebendo o anúncio do Evangelho através dessa formação, o homem não pode ser encarado como mero objeto no processo catequético. Somente dentro de uma história autenticamente humana é que pode brotar a luz do Evangelho

e o aprofundamento da fé. Durante muito tempo não se levou em consideração, suficientemente, o homem — suas aspirações e seus problemas. A atividade catequética muitas vezes era algo que vinha completamente de fora. Não atingia o projeto de vida do homem. Um maior cuidado com relação ao destinatário da catequese fez deslocar um pouco o centro da atividade catequética das crianças para os adultos. Estes poderiam compreender melhor o "existencial" da mensagem evangélica, poderiam assimilar a fé cristã de maneira mais profunda. Os catequistas perceberam que somente na medida em que o conteúdo de sua atividade atingisse o profundo de uma "história" é que teria chance de ser acolhido e frutificar. Só assim poderia haver uma resposta de fé e não uma mera adesão social à Igreja. Aos poucos foi-se tomando consciência de que também não bastava levar em consideração apenas o homem tomado individualmente, mas também inserido num processo histórico com outros homens. Nesse terreno deveria cair a luz da fé cristã.

V — O continente latino-americano e sua Igreja tomaram consciência de um fato importante, prenhe de conseqüência: a missão da Igreja, o anúncio da fé, consiste em empreender a grande libertação. Temas de ontem foram reavivados: a fé do Antigo Testamento é uma fé que liberta o homem todo e todos os homens. Exegetas e teólogos retomaram o tema do Êxodo e colocaram em evidência os aspectos libertadores da experiência do povo judeu. O escritor sacro faz uma leitura teológica da libertação real da escravidão no Egito. O Deus do Êxodo é um Deus que liberta o coração do homem de suas peias dentro de um processo de libertação de uma escravidão real. Surgiram estudos sérios que colocaram em evidência a dimensão libertadora da pessoa e da obra de Jesus. Os responsáveis pela reflexão teológica em nosso continente e os pastores mais lúcidos não podiam deixar de ler a realidade latino-americana a partir do Evangelho. Dessa leitura nasceu a Teologia da Libertação. Estudos sérios de G. Gutierrez, L. Boff, Segundo Galilea e tantos outros, apoiados na inspiração da Conferência de Medellín e de outros encontros de responsáveis pela vida da Igreja latino-americana, procuram desenvolver uma teologia que é anunciadora da libertação do homem que vive efetivamente em condições sub-humanas, condições essas que foram criadas pelo egoísmo coletivo.

A Conferência Episcopal Latino-Americana, nas conclusões de Medellín, situa a catequese dentro de um horizonte vasto de questionamento da Igreja no continente. O crescimento da fé e a atividade catequética não estão ao lado mas dentro de um amplo esforço de promoção humana. Um capítulo inteiro do documento de Medellín é consagrado à catequese. Lemos aí:

"Sem cair em confusões ou em identificações simplistas, deve-se manifestar sempre a unidade profunda que existe entre o plano salvífico de Deus, realizado em Cristo, e as aspirações do homem; entre a história da salvação e a história humana; entre a

Igreja, povo de Deus, e as comunidades temporais; entre a ação reveladora de Deus e a experiência do homem; entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos."[1]

VI — Dentro da ótica libertadora, a evangelização e a catequese procuram uma nova maneira de se concretizar. Ficou claro para muitos que a atividade catequética não poderia mais correr paralela à vida. Era necessário que o anúncio atingisse o homem em sua totalidade e que assim, juntamente com seus irmãos de caminhada, ele pudesse ver na fé cristã um fator de libertação de tudo aquilo que o tornasse menos humano. Nasceu então em muitos responsáveis pela vida da Igreja latino-americana a convicção de que deveria ser feita uma opção clara pelos pobres, pelos oprimidos, pelos que não têm vez nem voz. Nasceu uma certeza de que só assim a Igreja poderá ser verdadeira. Sem querer ditar normas de uma catequese libertadora, procurarei chamar atenção para algumas pistas de reflexão que me parecem importantes:

1. A catequese nunca pôde e nunca poderá ser algo realizado fora da vida. A vida concreta do homem latino-americano é feita de contrastes. Uma minoria vive em condições de prosperidade e uma imensa maioria não tem ainda consciência de sua dignidade. A prosperidade da minoria foi resultado de um pecado coletivo de esquecimento e/ou de opressão dos pequenos. Os responsáveis pela catequese sentem um mal-estar em desenvolver uma catequese para a minoria sem chamar atenção para a relação estreita que existe entre a mensagem cristã e o compromisso com o homem. Os catequistas não querem ser justificadores de uma situação de opressão. Não podem aceitar que consciências que se dizem cristãs se tranquilizem com o conhecimento de "verdades" e que ignorem a dimensão mais vasta da fé cristã.

2. A opção pelos pobres e pelos que não têm vez nem voz é fundamental. A atividade catequética não será exercida apenas como uma transmissão de conhecimentos, mas antes como um anúncio libertador. O catequista da Igreja será um companheiro desse homem pequeno. Não chegará junto dele para uma "incursão de doutrinação" mas antes como companheiro de destino em vista de caminharem juntos em direção a um horizonte novo. Evangelização e catequese se interpenetrarão. A catequese será muito menos pregação de verdades soltas, isoladas, e mais iluminação e construção da vida. A catequese dessa Igreja latino-americana será uma catequese profética, denunciadora de injustiças e de engrenagens opressivas. A Igreja não o fará como agitadora da ordem estabelecida mas como consciência mais aguda de uma situação intolerável. A Igreja e sua catequese serão proféticas no sentido de se colocarem efetivamente ao lado dos pequenos e, nessa solidariedade, denunciarem o pecado coletivo da exploração.

1. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do concílio** (conclusões de Medellín), Editora Vozes, 1973, p. 101.

3. A catequese libertadora revisará seriamente os "lugares" de transmissão da fé. Normalmente os sacramentos são "lugares" onde a fé é "transmitida". Os catequistas terão a lucidez de compreender que as catequeses sumárias feitas para a primeira eucaristia das crianças, certas palestras preparatórias para os pais, os cursos para noivos, etc., são insuficientes. A Igreja tem consciência de que seus sacramentos são expressões de alta significação para a vida cristã. O engajamento que o cristão assume ao receber os sacramentos deve atingir o projeto de vida pessoal e comunitário. Eles não são meros ritos passageiros: deixam vestígios naqueles que os recebem. Daí a Igreja não poder se iludir, isto é, pensar que a partir de certas catequeses mais ou menos sumárias sobre o batismo, o matrimônio, etc., se estaria construindo uma Igreja sólida. Os lúcidos pastores de ontem e de hoje sempre se sentiram mal diante do mecanismo ritual. Sempre se questionaram a respeito do sentido dessas catequeses. Não se trata de aboli-las, mas sim de intensificá-las e dar-lhes uma dimensão tal que possam libertar o homem de uma religiosidade tranqüilizante e levá-lo a um questionamento de sua vida pessoal e comunitária. Conteúdo e forma dessa catequese contribuirão assim para a construção de uma Igreja verdadeira. Um dos grandes problemas da pastoral é precisamente este: construir uma Igreja sólida e não de aparências.

4. Estão surgindo em nosso continente novas concretizações de vida da Igreja, através das comunidades eclesiais de base. O fenômeno é saudado por uns como fecunda possibilidade de se refazer o tecido desfeito da Igreja. Outros enxergam um perigo de desintegração. O movimento é muito recente para que se possa fazer um julgamento definitivo. Mas de uma coisa se pode ter certeza: o fato encerra promessas insuspeitadas. Nesses pequenos grupos está surgindo uma nova maneira de ser Igreja. A meditação e a escuta das Escrituras, principalmente do Novo Testamento, é para essas comunidades um "lugar" de aprofundamento da fé. O Evangelho se torna presente na vida do povo. Os círculos bíblicos e as reflexões em grupo colocam a palavra de Deus inserida no contexto da vida do povo, que passa a tirar as conseqüências dessa Palavra para sua vida. Refaz-se assim uma evangelização que era sumária e insuficiente. O cristão passa a tomar consciência de sua missão e da missão da Igreja no mundo. Essa catequese atinge sobretudo adultos e jovens, e os sacramentos que estes recebem não serão apenas gestos rituais mecânicos, mas expressões de fé. A pastoral dos sacramentos não poderia encontrar "lugar" mais apropriado para um aprofundamento da vida sacramental. O homem aí passa a ser um convertido ao Evangelho dentro da sua realidade. Tais comunidades são o "lugar" de uma presença da Igreja no mundo. Não serão as teorias e os discursos sobre o relacionamento Igreja-mundo que contarão, mas a efetiva inserção dos cristãos no mundo concreto em que vivem. As reuniões das comunidades possibilitarão uma tomada de consciência da realidade do mundo e ao mesmo tempo serão o quadro por

excelência de uma leitura da realidade à luz do Evangelho.

5. A catequese libertadora revisará seus temas. Fará uma opção por assuntos ou conjuntos de assuntos que exprimam essa libertação. O estudo dos temas da moral, da exegese e da teologia colocará sempre em realce esse aspecto profundamente libertador da mensagem cristã. Libertação do homem, libertação de uma religião tranqüilizante, libertação de todas as misérias interiores do homem e também libertação da sociedade mais global. A catequese deverá evitar toda espécie de moralismo e toda dicotomia entre fé e vida. Ela se comprometerá com toda a situação e levará os homens a se comprometerem entre si. Por trás de toda atividade catequética estão evidentemente certas imagens de Igreja. L. Boff, estudando a Igreja no processo de libertação, fala da Igreja sacramento-instrumento, sacramento-sinal e instrumento profético. Assim conclui sua análise:

> "O desafio que nosso Continente lança está recebendo uma resposta responsável da teologia e do engajamento cristão. É um ensaio novo e uma colaboração para a Igreja universal, enquanto a Igreja latino-americana tenta encarnar, dentro das condições próprias à nossa situação, a mensagem libertadora de Jesus Cristo. A Igreja latino-americana se sabe Igreja peregrina, do tempus medium, cuja síntese entre Evangelho e mundo nunca é um dado, mas uma aventura histórica. Por isso humildemente se deixa criticar e instruir, mas ao mesmo tempo valentemente se engaja e profeticamente anuncia e denuncia, na certeza que a libertação, a participação de todos, a fraternidade e a esperança por uma nova sociedade têm mais futuro do que a apetência desmesurada de acumular, o individualismo empobrecedor e o crescimento meramente quantitativo favorecendo a grupos elitistas. O empenho na construção de um mundo mais habitável e humano é a forma como se expressa, nas condições históricas, o próprio Reino de Deus."[2]

VII — A Igreja não poderá deixar de se reunir em torno do ensinamento dos apóstolos. Ela tem a missão de continuar a fazer ecoar sua mensagem de salvação e de libertação. Ela precisa atingir liberdades pessoais e comunitárias visando tornar o Reino mais visível. Corajosamente, ela dará à sua atividade uma orientação significativamente evangelizadora. Nas mais perplexas situações, ela não se calará. Ao mesmo tempo se preocupará em aprofundar a fé de conversão pelo ministério da catequese. Mas ela só poderá fazê-lo na medida em que os cristãos se tornarem cada vez mais conscientes de sua vocação e de sua missão. Não desenvolverá uma atividade de aprofundamento ao lado da vida, mas no coração dessa vida feita de contradições e opressões. Não se dará por satisfeita em revisar manuais, em fazer adaptações. Procurará realizar um aprofundamento da fé no compromissamento com o homem.

2. L. Boff, **A vida religiosa e a Igreja no processo de libertação,** coleção vida religiosa: temas atuais/1, Editora Vozes, 1976, p. 84.

LIVROS NOVOS para você ler

O NOVO LIVRO DA FÉ, Johannes Feiner e Lukas Vischer. Tradução do original alemão **Neues Glaubensbuch** do Pe. José Wisniewski Filho, SVD. Editora Vozes. Ano 1976, Páginas 432.

Pela primeira vez, desde a separação das Igrejas no século XVI, teólogos de renome, evangélicos e católicos, trabalharam em conjunto numa exposição doutrinária concorde sobre temas e problemas teológicos, ressaltando, desta vez "em voz unissona" para conhecimento de todos os cristãos de hoje, qual é a base comum da fé. Apesar de ser uma tentativa de síntese, o enorme volume de matéria exposta forçou a um plano de sistematização geral de grandes dimensões. Resultado de um longo e intenso trabalho de equipe, este livro condensa e harmoniza num conjunto lógico expositivo as contribuições científicas dos melhores especialistas nos vários domínios da doutrina e pesquisa teológicas, representando suas respectivas igrejas.

É mais uma etapa vencida do espírito ecumênico que anima as diferentes denominações cristãs na tentativa, não só de superar suas próprias divergências existentes, mas de situar inclusive numa base doutrinal sólida, formulações atualizadas e convergentes sobre a fé cristã comum. O objetivo principal desse trabalho, realmente importante, visa a dar uma resposta válida para os homens de hoje e, em especial, aos cristãos cada vez mais confusos e inseguros, em torno dos problemas da fé.

Daí as linhas gerais da obra: "A pergunta por Deus" (I parte): na história, na filosofia, hoje. "Deus em Jesus Cristo" (II parte): síntese cristológica na Bíblia e na doutrina das Igrejas. "O homem novo" (III parte): exposição da teologia salvífica e dos ministérios cristãos, a partir das origens. "Fé e mundo" (IV parte): visão global da antropologia cristã, à luz da teologia e das pesquisas científicas atuais; na quinta parte enfim são expostas as "Questões disputadas entre as Igrejas": Escritura e Tradição, Graça e Obra, Os Sacramentos, Matrimônio, Maria, a Igreja, Papa e Infalibilidade, importância das confissões, hoje.

Como se pode perceber, o conjunto de temas e problemas tratados neste livro são de alto nível teológico e de candente interesse científico com rela-

ção à fé. Cuidou-se todavia para que sua exposição fosse simples e acessível a qualquer leitor desejoso de informação sobre esses assuntos, a fim de compreender melhor e orientar-se no pensamento cristão da atualidade.

●

A FACE HUMANA DE DEUS, John A. T. Robinson. Tradução do original norte-americano **The Human Face of God** de Jaime Clasen. Editora Vozes. Ano 1976. Páginas 236.

O famoso autor de **Honest to God** (Um Deus Diferente), lança agora em tradução portuguesa, **A Face de Deus.** No mesmo estilo do primeiro, encontramos um pensamento vivo, uma forma nova, na exposição do clássico tratado teológico da cristologia. Sem atitudes contestatárias, o autor visa a situar os problemas decorrentes desta doutrina em confronto com as exigências da compreensão e da vida atuais. Trata-se, portanto, de um estudo em torno do mistério de Cristo, deliberadamente livre de toda postura e linguajar acadêmicos da Dogmática, buscando formular uma ciência de Cristo, realmente quente e moderna, a fim de descobrir e captar sua profunda ressonância, compreensível e válida para os homens de hoje.

É um cristão que escreve, crente por formação e convicção que, por isso, não contesta a incontestável realidade de Cristo, mas pretende discutí-la, apesar dos longos séculos da história cristã e das infindas polêmicas e definições doutrinais, como um mundo insondável e ainda hoje inexplorado. As perguntas que Cristo faz sobre si aos homens e estes sempre fizeram e fazem em torno dele ainda pairam no ar: "Quem dizem que eu sou? Diz-nos se és o Cristo?"

Como não procuramos o Atlântico mas o exploramos, da mesma forma nossa preocupação não é achar o Cristo e, sim, chegar a entender o extasiante sentido da mais curta confissão: "Jesus é o Senhor". Eis o cerne desta nova cristologia: indagar e sentir a importância de Cristo que é **contemporâneo de cada geração que passa,** experimentando em nossa existência o reflexo da **face humana de Deus.**

●

JESUS DE NAZARÉ, Guether Bornkamm. Tradução do original alemão **Jesus von Nazareth** de José dos Santos Gonçalves. Editora Vozes. Ano 1976. Páginas 196.

Será que ainda se pode dizer algo de novo sobre um tema tão antigo e tão universalmente pesquisado, como a **Vida de Jesus,** comentada e controvertida ao longo de tantos séculos da história cristã? O autor responde afirmativamente com este amplo estudo. Afirma, aliás, que era necessária uma nova abordagem do assunto e, desta vez, procurando evitar as limitações e posições apriorísticas que fizeram com que todas as tentativas feitas para descrever a vida de Jesus resultassem, mais ou menos, em fracasso.

A maioria dos escritores fracassou por querer ambientar a pesquisa "no espírito de seu próprio tempo" e na dimensão de sua mentalidade ou crença. Assim, nestas Vidas, contemplamos "ora o Mestre que nos fala de Deus, da virtude e da imortalidade; ora o gê-

nio religioso do romantismo; ora o ético na linha de Kant e outras vezes ainda o pioneiro das idéias sociais". Nem se aceita um **Cristo teológico,** sem fundamentação histórica racional, nem tampouco um **Jesus histórico** cuja realidade resulta num esboço horrivelmente mutilado pelo hipercriticismo da historiografia moderna.

Na tentativa de contornar tais defeitos, o autor achou indispensável recorrer e re-estudar, com o máximo de atenção, a narração evangélica, principalmente dos três primeiros evangelhos que, "por causa de seu parentesco e dependência, tornam evidente uma visão de conjunto" da realidade de Jesus. O presente estudo, por sua originalidade, não deixará de despertar o interesse dos biblistas e teólogos, como também de qualquer pessoa de certa cultura em busca de soluções para seus problemas de fé e vida espiritual.

●

EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA, Segundo Galilea. Tradução do original espanhol **Reflexiones sobre la evangelización** de Yolanda Amado Ladeira. Editora Vozes, Petrópolis. Ano 1976. Páginas 116.

É um estudo sintético em torno do processo pastoral de evangelização e implantação da Igreja Católica na América Latina. O autor analisa os antecedentes históricos e os condicionamentos culturais e sócio-políticos de seu surgimento, pondo em evidência os fatores principais da evangelização tradicional e os elementos que configuram até hoje a tipologia religiosa do povo sul-americano. Na atualidade, porém, verificam-se diversos fenômenos de mudanças e transformações dentro da Igreja Latino-Americana, que dão curso a um novo processo de evangelização, tipicamente original e autêntico.

Em se tratando de um profundo estudo de teologia pastoral, teórico-prática, focalizando a problemática moderna da evangelização em nosso contexto histórico e sócio-cultural, este livro assume uma importância especial. Sua leitura será de grande proveito tanto para as autoridades eclesiásticas e o clero em geral, quanto para os rel sos e leigos que empreendem a evangelizadora em nosso meio latino-americano.

Segundo Galilea é um sacerdote chileno nascido em 1928. Foi ordenado em 1956. Especializou-se em problemas de renovação pastoral, atuando a serviço do CELAM por meio de publicações e frequentes cursos, tanto em nosso continente como em outras partes do mundo.

●

O CARÁTER FEMININO, Suzanne Simon. Tradução do original francês **Le Caractère des femmes** de Lígia Silva. Edições Loyola, São Paulo. Ano 1976. Páginas 184.

De formação ao mesmo tempo literária e filosófica, foi obrigada Suzanne Simon a renunciar ao ensino para educar uma família numerosa. Conseguiu, porém, dedicar grande parte de seu tempo disponível à pesquisa e ao estudo da Caracterologia, sob a direção do fundador da caracterologia francesa, René Le Senne. Especializou-se mais concretamente na psicologia familiar e

conjugal. A este mesmo assunto tem consagrado vários artigos de revista e uma importante obra em co-autoria com André Le Gall, membro da Associação Internacional de Caracterologia.

O CARÁTER FEMININO é a primeira obra consagrada na França ao caráter das mulheres, seres singulares infinitamente diversificados, que não podem ser colocados simplesmente "em oposição" aos homens, atribuindo-se-lhes qualidades ou defeitos complementares. As mulheres experimentam o seu caráter e o manifestam de uma maneira original e, na sua condição peculiar de mulheres, vivenciam traços comuns à natureza humana. Superando preconceitos, abstrações e generalidades, o homem e a mulher poderão, com a ajuda deste livro, descobrir em cada personalidade feminina a originalidade e a indivídualidade.

●

A VIDA AFETIVA DOS GRUPOS, Max Pagès. Tradução do original francês **La Vie Affective des Groupes** de Luiza L. Leite Ribeiro. Coedição Vozes/Universidade de São Paulo. Ano 1976. Páginas 492.

Subtítulo da obra: Esboço de uma teoria da relação humana. Esta obra visa a construção de uma teoria geral dos grupos, fundada sobre o conceito de relação concebida como a experiência afetiva da descoberta do outro, quando esta descoberta é feita coletivamente no encontro presente com outros homens. Sua importância reside no fato de se tratar de uma das primeiras tentativas, com êxito, no sentido de fundamentar teoricamente tudo o que foi colhido do impressionante desenvolvimento dos métodos de grupo, até então apresentado de maneira sobretudo empírica. Trata-se, portanto, de um clássico.

Em sua primeira parte o autor descreve e analisa um determinado grupo de formação. Na segunda parte apresenta uma teoria geral da vida afetiva dos grupos e na terceira parte trata dos métodos e da epistemologia aplicando, na prática e na pesquisa, as conseqüências de uma teoria relacional dos grupos. Define os princípios da intervenção psicossociológica concebida como uma metodologia geral da mudança humana, aplicáveis nos domínios da pedagogia, da formação, da psicoterapia e da mudança das organizações. Um livro escrito para psicólogos, psicanalistas, médicos, sociólogos, educadores e administradores.

O autor atualmente é professor de psicologia social na Universidade de Paris-Dauphine. Seus estudos têm tido como objetivo principal a elaboração das teorias e métodos visando práticas no domínio da formação dos homens e das mudanças sociais. Tem viajado com muita freqüência a diversos países europeus, norte e sul-americanos, como consultor, pesquisador e para dirigir grupos de estudos de sua especialidade.

●

CONCILIUM/118: ECUMENISMO. Diversos autores: Lutero Ontem e Hoje. Editora Vozes, Petrópolis. Ano 1976. Páginas 132.

Na ação ecumênica hodierna podemos notar uma evidente convergência de objetivos, tanto por parte das au-

toridades das Igrejas cristãs quanto no campo dos estudos históricos e teológicos, visando a busca de uma compreensão e de um reconhecimento mútuos. Há, no entanto, certa falta de sincronia no ritmo do processo dessa mesma ação nos dois planos em que se efetua: de um lado a aceleração da pesquisa teológica, do outro a aceitação efetiva, por parte das autoridades eclesiais, das conclusões ecumênicas teóricas. Na verdade, esses estudos, nos últimos decênios, alcançaram progressos decisivos na área da história e da teologia, ao passo que as cúpulas eclesiais ainda não resolveram acompanhar a evolução desse processo com análogas atitudes de aceitação e aproximação.

Um caso elucidativo desta situação é oferecido neste número de CONCILIUM, dedicado ao estudo sobre a figura de Martinho Lutero. Sua objetiva compreensão, no quadro histórico e teológico das questões ecumênicas a ele relacionadas. É uma série coordenada de artigos, redigidos por especialistas católicos e evangélicos, visando oferecer informações precisas com referência ao estado atual dos estudos em torno do famoso reformador do século XVI. Talvez, à luz deste novo enfoque, menos polêmico e mais crítico, da personalidade e do pensamento de Lutero, possa ocasionar-se uma palavra de reconciliação em seu favor, por parte da autoridade eclesial.

RECEBEMOS DA EDITORA PEDAGÓGICA E UNIVERSITÁRIA

A PSICOTERAPIA NA PRÁTICA, Viktor E. Frankl. Tradução do original alemão **Die Psychotherapie in der Praxis** de Humberto Schoenfelt e Konrad Koerner. Ano 1976. Páginas 244. **MANUAL DE PSICOLOGIA DA CRIANÇA,** Carmichael. Volume VI. Ano 1976. Páginas 386. **A ÁGUA, O SOLO E A PLANTA,** Eric James Winter. Tradução do original norte-americano **Water, Soil and the Plant** de Klaus Reichardt e Paulo Libardi. Ano 1976. Páginas 174. **OS ALUCINÓGENOS E O MUNDO SIMBÓLICO,** Vera Penteado Coelho. Ano 1976. Páginas 180. **FUNDAMENTOS DE ENFERMAGEM,** Dorothy White, Edith Rubino, Philip De Dorey. Tradução do original norte-americano **The Foundations of Nursing** de Sérgio Listik. Ano 1976. Páginas 236.

EDITORA VOZES

A HUMANIDADE E A JOVIALIDADE DO NOSSO DEUS, Leonardo Boff. Ano 1976. Páginas 78. **TENSÃO EMOCIONAL,** Manoel Vieira Muniz. Ano 1976. Págs. 176. **ESTRUTURAS EM MUDANÇA,** tarefa e perspectivas para a Igreja, Karl Rahner. Tradução do original alemão **Strukturwandel der Kirche als Aufgabe und Chance** de Marília Menezes e Adriano van den Berg. Ano 1976. Páginas 120. **O AMOR NO CELIBATO,** Luise Rinser e Egídio Gentili. Tradução do original italiano **L'Amore nel Celibato** de Severino Cadorin. Ano 1975. Páginas 140. **NA BUSCA DE SER,** a angústia de não ser, Hilário Dick. Ano 1976. Páginas 160. **PSICODRAMA DE CRIANÇAS,** Zerka T. Moreno. Tradução do original norte-americano **Psychodrama in the Crib and Psychodrama in a well Baby Clinic** de Ephraim Ferreira Alves. Ano 1975. Páginas 100.

Há aqueles que querem saber
tão-somente para saber.
Ora, isto é curiosidade.
Outros querem saber
para se tornarem conhecidos.
Isto é vaidade.
Outros, para vender a ciência.
Isto é torpe lucro.
Outros, para se edificar.
Isto é prudência.
Outros, enfim, para edificar.
Isto é caridade.

SÃO BERNARDO
In Cantica, Sermo 36, 3.